



RELIGIOSIDADE POPULAR:  
DEVOÇÃO E CULTURA

# Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

padroeira da Serra da Mandioca  
em Palmeira dos Índios - Alagoas

ANA CRISTINA DE LIMA MOREIRA

2ª Edição

  
OLYVER

RELIGIOSIDADE POPULAR:  
DEVOÇÃO E CULTURA

# Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

padroeira da Serra da Mandioca  
em Palmeira dos Índios - Alagoas

Muitos já ouviram falar da declaração da morte de Deus por Friedrich Nietzsche. Sem dúvida, ele fala-va da morte de um tipo de Deus que não era a fonte da vida e vigor da caminhada existencial do homem daquele tempo. Um Deus estratificado pelo medo humano das mu- danças típicas dos viajores que somos entre o nascimento e a morte. Era necessário que esse Deus morresse não ontolo- gicamente, mas em nível de concepções projetadas (antropo- morfismo) desse Ser Supremo. Fiquei muito envaidecido quando a minha orientanda no doutorado em Ciências da Religião da Universidade Cató- lica de Pernambuco (UNICAP), Ana Cristina, me pediu para fazer a apresentação de seu livro. É uma honra para mim! O livro retrata justamente que Deus está muito vivo, nascendo a cada momento no coração dos fiéis não só em Palmeiras dos Índios, mas no mundo todo. É claro que não se pode confundir a crise religiosa com a morte de Deus. A crise é benéfica porque purifica e dá vigor novo ao ato de crer. É como a árvore que é podada para dar mais frutos (Jo 15, 1-5). A experiência religiosa do grupo religioso, objeto do livro, nos mostra que Deus está mais vivo do que nunca. No mundo, são quarenta e quatro mil grupos cristãos novos (Igrejas), não confirmando a utopia de Cristo: “Que todos se- jam um, Pai, como eu e Tu somos um” (Jo 17,21). Oxalá exista uma maior unidade nesta diversidade! Parabéns a todos aqueles que lerem este livro e o tradu- zirem em ação libertadora em suas vidas e em suas famílias! Parabéns também a futura Dr<sup>a</sup> Ana Cristina por propalar essa realidade tão rica a tantos outros caminheiros! Vamos em frente na construção de um mundo mais justo, humano e fraterno!

*Prof. Dr. Pe. Luiz Alencar Libório* Professor da  
Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP

ISBN: 978-65-81450-09-0



  
EDITORA  
**OLYVER**  
www.editoraolyver.org



RELIGIOSIDADE POPULAR:  
DEVOÇÃO E CULTURA  
Nossa Senhora do  
PERPÉTUO SOCORRO  
*padroeira da Serra da Mandioca  
em Palmeira dos Índios - Alagoas*

**DIREÇÃO EDITORIAL:** Maria Camila da Conceição  
**DIAGRAMAÇÃO:** Luciele Vieira / Jeamerson de Oliveira  
**DESIGNER DE CAPA:** Jeamerson de Oliveira  
**REVISÃO ORTOGRÁFICA:** Radjane Morais  
**IMAGEM DE CAPA:** <https://br.pinterest.com/>

*O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.*



Todos os livros publicados pela Editora Olyver estão sob os direitos da Creative Commons 4.0  
[https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)

2019 Editora Olyver  
Aldebaran | Tv. José Alfredo Marques, Loja 05  
Antares, Maceió - AL, 57048-230  
[www.editoraolyver.org](http://www.editoraolyver.org)  
[editoraolyver@gmail.com](mailto:editoraolyver@gmail.com)

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

S134p

MOREIRA, Ana Cristina de Lima

Religiosidade popular: devoção e cultura nossa Senhora do Perpétuo Socorro padroeira da Serra da mandioca em Palmeira dos Índios – Alagoas. [recurso digital] / Ana Cristina de Lima Moreira. – Maceió, AL: Editora Olyver, 2019.

ISBN: 978-65-81450-09-0

Disponível em: <http://www.editoraolyver.org>

1. Religiosidade. 2. Devoção. 3. Senhora do Perpétuo Socorro. 4. Serra da Mandioca em Palmeira dos Índios. I. Título.

CDD: 981

---

Índices para catálogo sistemático:

1. História do Brasil 981

ANA CRISTINA DE LIMA MOREIRA

RELIGIOSIDADE POPULAR:  
DEVOÇÃO E CULTURA  
Nossa Senhora do  
**PERPÉTUO SOCORRO**  
*Padroeira da Serra da Mandioca  
em Palmeira dos Índios - Alagoas*

2ª Edição

Maceió-AL  
2019

  
OLYVER  
EDITORA

# DIREÇÃO EDITORIAL

**Maria Camila da Conceição**

## COMITÊ CIENTÍFICO EDITORIAL

---

**Prof. Dr. José Adelson Lopes Peixoto**

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL

**Prof. Dr. Edson Hely Silva**

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

**Prof. Dr. Constantino José Bezerra de Melo**

Secretaria de Educação de Pernambuco - SEE-PE

**Prof. Dr. Francisco Pereira Sousa**

Universidade Federal de Alagoas | UFAL (Brasil)

**Prof<sup>a</sup>. Francisca Maria Neta**

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Betijane Soares de Barros**

Instituto Multidisciplinar de Maceió – IMAS (Brasil)  
Absoulute Chistymas University – ACU (Estados Unidos)

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Andrea Marques Vanderlei Ferreira**

Universidade Federal de Alagoas | UFAL (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Laís da Costa Agra**

Universidade Federal do Rio de Janeiro | UFRJ (Brasil)

**Prof. Dr. Silóé Soares de Amorim**

Universidade Federal de Alagoas | UFAL (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Nara Salles**

Universidade Federal de Pelotas | UFPel (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira**

Universidade Federal da Bahia | UFBA (Brasil)

**Prof. Dr. Fernando José Ferreira Aguiar**

Universidade Federal de Sergipe | UFS (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Karina Moreira Ribeiro da Silva e Melo**

Universidade de Pernambuco | UPE (Brasil)

## AGRADECIMENTOS

---

A Deus e a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Ao meu esposo e amigo Givaldo (Gil), aos meus filhos Diego e Miguel Luiz e a meus netos Victor e Victória.

À minha mãe biológica Benedita e a Ana (tia-mãe).

Aos meus irmãos biológicos Acácia, Afrânio, Abraão, Adriana, Evaristo e Julia aos quais incluo Zaza e Zaio.

A Cássio, Caio, Hugo, Cristina e Suellen meus afilhados.

À minha segunda família Lêda, Geraldo, Cleto, Nilza, Genivaldo, Vera, Genário, Amparo, Geraldo (Del), Salésia, Luciana, Luciele, Carol, Lourdes e Miguel.

Às religiosas do Centro Educacional Cristo Redentor na pessoa de Irmã Eliud Nogueira dos Passos atual Diretora.

Aos professores da Universidade Católica de Pernambuco -UNICAP de modo especial ao Prof. Dr. Pe. Luiz de Alencar Libório e ao Prof. Dr. Newton Cabral.

Aos meus amigos e alunos da Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL.

Ao povo da Serra da Mandioca pelas orações e incentivo para eu concluir esta obra.

## DEDICATÓRIA

---

A Irene Farias, a Lindalva Elias (Du), a José Nunes de Farias (Zé Iaiá) e Elói Torres (ex - combatente 909 da II Guerra Mundial) Entrevistados que partiram para outra vida deixando grandes contribuições através de suas memórias imortalizadas através desta obra.

# SUMÁRIO

---

APRESENTAÇÃO.....	11
INTRODUÇÃO .....	13
CAPÍTULO I	
RELIGIOSIDADE POPULAR: UMA REALIDADE NA IGREJA CATÓLICA.....	15
A PROMESSA DE PERPÉTUA.....	28
A DEVOÇÃO DO POVO.....	34
A CONSTRUÇÃO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DÔ PERPÉTUO SOCORRO.....	49
JUBILEU DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO: 150 ANOS (1866-2016).....	60
OS REDENTORISTAS: A MISSÃO DE TORNAR NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO CONHECIDA NO MUNDO INTEIRO.....	63
CAPÍTULO II	
POVOADO SERRA DA MANDIOCA: ASPECTOS GERAIS.....	67
ÁRVORE GENEALÓGICA.....	86
EDUCAÇÃO: UMA PRIORIDADE PARA A SERRA DA MANDIOCA.....	100
A PARTICIPAÇÃO NA POLÍTICA PARTIDÁRIA.....	102
CAPÍTULO III	
FESTA DA PADROEIRA: ESPAÇO DE DEVOÇÕES, MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS E CULTURAIS.....	105
A PROCISSÃO DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO NA SERRA DA MANDIOCA.....	114

A CAVALHADA NA FESTA DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO.....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS.....	130

## APRESENTAÇÃO

---

Muitos já ouviram falar da declaração da morte de Deus por Friedrich Nietzsche. Sem dúvida, ele falava da morte de um tipo de Deus que não era a fonte da vida e vigor da caminhada existencial do homem daquele tempo. Um Deus estratificado pelo medo humano das mudanças típicas dos viajores que somos entre o nascimento e a morte. Era necessário que esse Deus morresse não ontologicamente, mas em nível de concepções projetadas (antropomorfismo) desse Ser Supremo.

Fiquei muito envaidecido quando a minha orientanda no doutorado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Ana Cristina, me pediu para fazer a apresentação de seu livro. É uma honra para mim!

O livro retrata justamente que Deus está muito vivo, nascendo a cada momento no coração dos fiéis não só em Palmeiras dos Índios, mas no mundo todo. É claro que não se pode confundir a crise religiosa com a morte de Deus. A crise é benéfica porque purifica e dá vigor novo ao ato de crer. É como a árvore que é podada para dar mais frutos (Jo 15, 1-5). A experiência religiosa do grupo religioso, objeto do livro, nos mostra que Deus está mais vivo do que nunca. No mundo, são quarenta e quatro mil grupos cristãos novos (Igrejas), não confirmando a utopia de Cristo: “Que todos sejam um, Pai, como eu e Tu somos um” (Jo 17,21). Oxalá exista uma maior unidade nesta diversidade!

Parabéns a todos aqueles que lerem este livro e o traduzirem em ação libertadora em suas vidas e em suas

famílias! Parabéns também a Dr<sup>a</sup> Ana Cristina por propalar  
essa realidade tão rica a tantos outros caminheiros!

Vamos em frente na construção de um mundo mais  
justo, humano e fraterno!

*Prof. Dr. Pe. Luiz Alencar Libório*

Professor da Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP

## INTRODUÇÃO

---

O papel da Igreja do povo de Deus na sociedade contemporânea tem sido tema nas discussões e análises para as Ciências da Religião, pois, além das questões teológicas e sociais, ela tende a refletir sobre as experiências religiosas destacando as manifestações populares com o propósito de entender a importância das mesmas como uma tentativa de resgatar a fé. Os santos padroeiros são referências nesse contexto, em virtude de que são adotados pelos fiéis como seus protetores.

O tema em pauta é a religiosidade e devoção do povo à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro padroeira da Serra da Mandioca, com ênfase nas devoções, manifestações e experiências religiosas e culturais. Na atualidade torna-se impossível adotar uma visão unilateral acerca das experiências religiosas na busca do sagrado. Destaca-se uma pluralidade, pois, há concepções variadas, experiências diversas que podem acontecer de forma espontânea ou mesmo através de rituais. A história do povo da Serra da Mandioca é um grande desafio para os pesquisadores de um modo geral. A princípio tenta-se responder o questionamento de alguns historiadores quando se trata da origem, ou seja, de onde essas pessoas de pele clara, cabelos loiros lisos ou encaracolados de olhos azuis ou verdes e de baixa estatura vieram? Por muito tempo e até os dias atuais ainda se ouvem comentários de que seriam descendentes de holandeses.

Porém, apesar de ser um tema bastante interessante, o objetivo desse trabalho não prioriza esse aspecto e portanto fará apenas algumas alusões acerca dessa discussão, pois o que está em pauta é a religiosidade desse povo. Para tanto, se faz necessário algumas abordagens sobre a ocupação, povoamento, as primeiras famílias, seus descendentes tendo como o fio condutor a religiosidade popular. Para tanto, foi necessário priorizar a memória através da oralidade, visto que não há referências sobre a comunidade em pauta. Para intensificar a importância da religiosidade popular para Igreja Católica, optou-se buscar autores que apresentem a temática através de uma linguagem clara como, Riolando Azzi, Eduardo Hoornaert e documentos da Igreja.

No primeiro capítulo será abordada uma breve explicação sobre a religiosidade popular, apresentando a fé e a devoção aos santos, presente no nosso cotidiano desde o Brasil Colônia. Também será mostrado algumas formas do povo da serra da Mandioca venerar Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, padroeira daquela localidade.

No segundo capítulo será enfatizada a comunidade da Serra da Mandioca em seus aspectos gerais destacando o povoamento, a sociedade, a economia e a religiosidade. Para intensificar o tema abordado apresentar-se-á várias entrevistas com os moradores mais antigos e religiosos daquela localidade. No terceiro capítulo será apresentada a festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na serra da Mandioca dando ênfase a devoção, o pagamento das promessas no contexto festivo destacando os zabumbeiros, a cavalhada, a religiosidade e a cultura.

# CAPÍTULO I

## RELIGIOSIDADE POPULAR: UMA REALIDADE NA IGREJA CATÓLICA

---

O ocidente e mais especificamente o Brasil é palco de uma composição étnica que envolve civilizações diversas, e consequentemente referenciais que traduzem a identidade de cada uma delas. Porém, quando se trata da religião ressalta-se a influência do catolicismo trazido pelos portugueses, e expandido através do trabalho dos jesuítas, com os índios e escravos no Brasil Colônia.

Na religiosidade popular, suas manifestações e devoções estiveram presentes nesse contexto, através dos santos, esses, que têm seu dia especial de festa e louvor segundo o calendário da Igreja Católica, e, são representados em um cenário que simultaneamente um grupo assiste à Santa Missa e o outro que também se diz católico ouve o som das caixas de som do parque de diversões e das barracas de comidas e bebidas montadas no pátio da igreja. As procissões são comuns desde o Brasil Colônia, que segundo Hoornaert (2008, p.351) “Os santos, além de sacralizar a vida brasileira e lhe conferir estatuto de cristandade, revelaram a formação do Brasil nos seus caminhos reais.” O que diz o autor nos remete a fazer uma análise mais aprofundada sobre a presença dos santos na sociedade brasileira. Vê-se que os santos refletiam uma realidade social, visto que, o público

alvo eram os pobres e eles (santos) serviam como um sustentáculo para o enfrentamento dos obstáculos do dia a dia. Desacreditados e injustiçados pelos senhores de engenho, os pobres se valiam dos santos os quais eram devotos, cada qual simbolizava uma necessidade tendo grande preferência as Nossas Senhoras. Hoornaert ainda salienta que:

O apego das pessoas pobres aos santos revela de maneira inequívoca o desamparo em que elas vivem, já que toda riqueza é para “além-mar”. A promessa feita com fidelidade aos santos revela que as promessas feitas pelos que estão no poder aqui na terra não valem nada. Os santos do povo revelam a verdade social do Brasil.<sup>1</sup>

A religiosidade popular assumiu um papel de grande relevância em nosso país, a princípio pelos africanos, e mais tarde por muitos brasileiros sem especificamente apontar a sociedade ou etnia a qual pertencia. Ao longo dos anos, a devoção tornou-se tradição, experiência religiosa e exemplo de fé. Nem sempre as pessoas são conscientes de que há muitas injustiças sociais e econômicas, principalmente provocadas pelos líderes políticos partidários, que ao longo do tempo perderam a credibilidade diante da sociedade, essa que almeja que sejam postas em prática as políticas públicas que poderiam contribuir para que seus cidadãos tenham salários dignos, redução do índice de desemprego em tempos

---

<sup>1</sup> HOORNAERT, Eduardo (e tal.]. História da Igreja no Brasil-Primeira Época-Período Colonial.5 ed. Petrópolis (RJ):Vozes, 2008.

de crise, e o direito a tratamento de saúde e educação de qualidade dentre outros.

Diante desses fatos é necessário, entender que não se trata de um processo de alienação religiosa. As devoções referem-se aos santos da Igreja católica, mas, vê-se que outros credos religiosos também apresentam seus protetores e os veneram das formas mais variadas possíveis. O respeito consiste na consciência da liberdade e o direito para escolher seu credo ou não, bem como, realizar suas manifestações religiosas mesmo que sejam carregadas de subjetividade e complexidade.

No Brasil essas devoções encontraram um solo fértil, tomando os santos como protetores em todas as situações, em problemas de família, de namoro e trabalho dentre outras. Em situações econômicas que envolvem recebimento ou pagamento de dívidas, desemprego e aumento de salário. Mas, são as questões de saúde que exigem mais dos santos. As promessas aparecem nesse contexto de forma mais acentuadas, sendo diversificada a forma dos pagamentos, pois variam desde uma simples oração, andar de pés descalços durante a procissão, flores para o santo, realizar uma caridade, fazer visitas aos enfermos, ir à missa das primeiras sextas feiras do mês ou alguma abstinência. Mas, diante do alcance do que foi solicitado ao santo, todo sacrifício torna-se pequeno, pois, nada é maior que alegria da cura ou uma conquista desejada.

Fotografias 01, 02: Procissão de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na Serra da Mandioca



Fonte: CIRILO, sd.



Fonte: TORRES, sd.

Fotografia 03: Procissão de Nossa Senhora com a nova imagem



Fonte: CIRILO, sd.

Nas fotografias (01 e 02) pode ser observado que a imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é menor,

sendo a primeira da Serra da Mandioca, doada por Padre Cirilo. A segunda imagem na fotografia (03) é bem maior e mais detalhada. As primeiras procissões eram realizadas com o quadro trazido do Juazeiro por Pepértua semelhante ao ícone. Outra coisa que pode ser observada, é que, mesmo com o avanço da mulher em vários setores antes destinados aos homens, vê-se que na Igreja católica, mas especificamente nas procissões, ainda são os homens que carregam o andor, tendo o cuidado de tirarem o chapéu ao adentrarem na igreja. As mulheres são responsáveis pelo pagamento das promessas, conforme é apresentado nas próximas imagens.

Fotografias (04 e 05): Pagamento de promessas com os pés descalços.



Fonte: Moreira, 2016.

A procissão é um momento bastante esperado, apesar do longo percurso os fiéis não desistem, e acham que também é uma forma de reduzir os pecados cometidos, agradecendo as graças alcançadas sendo o momento propício para pedir a Nossa Senhora mais bênçãos no ano vigente.

-Fotografias (06 e 07): Procissão na serra da Mandioca realizada em fevereiro de 2016.



Fonte: MOREIRA, 2016.

A era da tecnologia pode trazer a ideia de que essas tradições tendem a desaparecer. Porém, percebe-se que a religiosidade popular ainda é uma realidade principalmente na zona rural. Assim sendo é tema de discussão plural no campo das Ciências da Religião, com ênfase na Antropologia, na História, na Sociologia, na Teologia dentre outras. A busca das experiências religiosas pode ter seu destaque nas festas dos santos padroeiros, essas que ainda acontecem como se fossem um amálgama de cultura, fé e devoção.

O santo padroeiro passa a ter uma grande importância na vida das pessoas e nas comunidades, pois eles representam a segurança de continuar a caminhada. Seus devotos têm a certeza de que Ele (santo) estará presente em todos os momentos, com a função de conselheiro e benfeitor, responsável em resolver os problemas de modo geral,

quer sejam de saúde, no emprego, no amor, no casamento dentre outros.

Os fieis depositam toda confiança no seu santo protetor, pois têm a certeza que é uma ponte entre eles pecadores e Deus. A exemplo destaca-se a devoção a Nossa Senhora, que é a mãe de Jesus e, portanto subtende-se que tem maior probabilidade em pedir por eles. É comum vê-se carros com adesivos ou em para-choque de caminhão “Pede a mãe que o Filho Atende”<sup>2</sup>, é interessante o fato das pessoas terem interesse em divulgar sua crença. É como se fosse uma alerta para quem estiver precisando de ajuda. O estudo refere-se a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Mas, não só as Nossas Senhoras são festejadas, isso também acontece com outros santos principalmente os que apresentam um número maior de milagres. Esses são mais venerados e, em alguns locais além da festa, os devotos chegam a construir santuários, espaços que são visitados o ano inteiro, aumentando o fluxo por ocasião do dia e mês que se comemora a festa do padroeiro.

Destaca-se que:

Os santos na vida dos que o veneram, misturando-se com seus problemas, suas necessidades mais urgentes, nos negócios, na vida familiar, nos casamentos, nos amores. E tudo isto, sem cerimônia, sem se precisar de apresentação, sem intermediário. Tudo se passa entre o santo e seu devoto.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Dito popular comum em adesivos, e em para choques de caminhões.

<sup>3</sup> ROLIM 1976, p. 159 *apud* TEIXEIRA E MENEZES (org).

Na zona urbana acontecem devoções, porém, é mais comum na zona rural, mantendo as tradições, dentre elas; a banda de pífano ou popularmente conhecida como os zabumbeiros que realizam um verdadeiro espetáculo em louvor ao santo, bem como as cavalhadas que guardam a História Medieval trazidas da Europa. O catolicismo popular está diretamente ligado ao santo (a) padroeiro (a), e, é a partir da fé e devoção que a comunidade acredita que aquele (a) santo (a) será um elo capaz de aproximá-lo a Deus, o Criador de todas as coisas e Pai que não abandona seus filhos. Sobre o olhar da Igreja Católica a respeito da religiosidade popular

Padre Leandro Marques diz:

Em vários documentos do século XX a Igreja se posiciona favoravelmente à religiosidade popular. Em nosso século, destaca-se o Documento de Aparecida, fruto da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho, ocorrida em 2007. O documento afirma que a religiosidade popular é uma riqueza dos nossos povos, é um tesouro precioso da Igreja católica da América Latina e que deve ser catequizada. ( cf. n. 07, 258, 300). Deste modo, a Igreja vê a religiosidade popular como forma do povo viver as verdades da fé de forma mais próxima da vida concreta das pessoas, de modo que se privilegia aspectos 19 da vida humana de Cristo, de seus sofrimentos e da vida dos santos, etc. Diante disto, a religiosidade é dotada de valor positivo e meio pedagógico para levar o povo a ascender às verdades sólidas da fé. É claro que há exageros e arestas que devem ser orientadas e purificadas, sobre tudo naquilo que possa misturar elementos

estranhos à fé católica. Aqui cabe aos pastores da Igreja um sério esforço em catequizar as pessoas e acompanhar todas as manifestações de religiosidade popular com ternura, respeito e lucidez. É um erro crasso e uma estupidez tamanha ignorar ou rejeitar a religiosidade popular. Erro maior é subestimá-la, pois através dela podemos chegar à beleza da alma de nosso povo, de sua sinceridade e fé mais pura.

O povo da Serra da Mandioca é, pois, uma referência nesse aspecto. Para tanto, um dos líderes religiosos de Palmeira dos Índios, Monsenhor Odilon Amador que durante de 53 anos foi responsável pela Catedral Diocesana, e por inúmeras vezes celebrou a Santa Missa e participou das diversas manifestações daquela comunidade também intensificou a importância para a Igreja Católica.

Monsenhor Odilon diz “essa fé fervorosa e autêntica deve-se ao avanço da própria religião e aos métodos utiliza Monsenhor Odilon diz “essa fé fervorosa e autêntica deve-se ao avanço da própria religião e aos métodos utilizados”, deixando claro que a comunidade da Serra da Mandioca é um exemplo a ser seguido independente do grau de instrução.

## Fotografia 08: Monsenhor Odilon Amador



Fonte: MOREIRA, 2015.

Enfatizou que é uma fé segura e profunda que vem dos antepassados e ainda esclarece que:

Assim como Monsenhor Macedo, sou grato ao povo da serra da Mandioca. Acho que eles têm uma fé tradicional, fé na Igreja que merece ser imitada, pela perseverança que passam para os filhos e toda família. É uma fé sincera sem rodeios que mesmo com o passar dos tempos, não perderam o fervor primitivo. É um povo agraciado por Nossa Senhora e 21 continua festejando Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que realmente é o socorro de todos nós nas horas difíceis da vida.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada com Monsenhor Odilon Amador (53 anos responsável pela Catedral Diocesana) em 07 de maio 2015, às 19h em sua residência em Palmeira dos Índios.

É essa fé que ao longo dos anos tornou-se um exemplo de devoção e respeito à Nossa Senhora, pois acreditam que se pedir com fé seus pedidos de socorro e de misericórdia serão atendidos. A dor das pessoas que perderam seus entes queridos fez com que o povo da serra da Mandioca se aproximasse da Mãe de Jesus através de uma mulher chamada Perpétua, que logo solicitou a figura de Maria que tinha seu nome Perpétuo Socorro, fazendo uma promessa que até os dias atuais está presente por meio das manifestações religiosas daquele povo.

A devoção Mariana no Brasil vem desde o início da civilização para Azzi (2008, p.54) [...]” a figura de Maria foge a comparação com outros seres humanos, pois era colocada desde o nascimento num patamar superior, em razão de ser predestinada para a função de Mãe de Deus”. Levando-se em consideração essa afirmação justifica-se a devoção do povo da serra da Mandioca à Nossa Senhora, bem como outras comunidades espalhadas pelo território brasileiro em que ainda neste século são fieis a Maria.

A comunidade sempre esteve ligada à devoção religiosa, sendo várias pessoas apontadas como referências em dar continuidade e expandir o credo católico dentre elas Antônio Cirilo e Laurinda, Antônio Miguel e Leopoldina, Manoel Otávio e Maria Paciência, Florêncio e Perpétua, Avelino Torres, Aliete e Linésio, Dona Ana dentre outras. Mesmo quando só existia a Igreja na Serra de São José, já era explícita a religiosidade daquele povo.

## Segundo a Senhora Gerusa Elias,

[...] no tempo de Monsenhor Macedo as pessoas da serra da Mandioca, inclusive eu, frequentavam a Igreja da Serra de São José, no primeiro dia às 9 horas era celebrada a Missa, à tarde acontecia o terço e bênção do Santíssimo Sacramento e no outro dia a Missa acontecia pela manhã. Meu tio Antônio Cirilo, pai do Padre Luiz Cirilo e outras pessoas eram responsáveis em dar assistência ao Padre. Minha grande satisfação foi quando meu pai, Luiz Elias, me ensinou a cantar o ofício e rezar o terço de Nossa Senhora. A alegria da minha vida foi aprender a gostar das coisas de Deus.<sup>5</sup>

Vê-se que a vida da comunidade sempre estava ligada ao credo católico e suas manifestações. Não se trata de um sacrifício, e sim de um prazer, rezar, louvar, pedir e agradecer a Deus e a Nossa Senhora. As pessoas dedicavam parte do tempo às coisas de Deus e isso servia como um sustentáculo. As missões também faziam parte dessas devoções. Na década de 50 do século XX, dois missionários foram até a serra de São José e lá passaram 08 dias,

[...] era muito gostoso ir pela manhã bem cedo e à noite para o sermão, ainda me lembro de que eles apresentavam uns quadros luminosos da vida de Santa Helena, depois foi na serra da Mandioca. Muita gente chorava quando os missionários iam embora.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Depoimento da Senhora Gerusa Elias contido na carta enviada ao Padre José Torres, em 1997.

<sup>6</sup> *Idem*

É importante o relato dessas pessoas, pois é a partir delas que se tem uma ideia de como aconteciam as tradições religiosas, bem como o sentimento de respeito e alegria em participar daqueles momentos. As missões eram comuns, um missionário pregava para muitas pessoas e elas ouviam atentamente. Geralmente falavam coisas simples e de fácil entendimento, porém, achavam necessárias à vida de sacrifícios daquelas pessoas.

Os sermões não só traziam reflexões, e sim lembrava alguns dogmas da Igreja, a importância da fé, o cuidado em não pecar e a necessidade de pedir perdão pelos atos praticados.

Ainda sobre as missões Otelina relata,

Foi um acontecimento marcante as Santas Missões aqui na Serra da Mandioca. Foram oito (8) dias com a presença de 25 Frei Marcos e Frei Cornélio, eles apresentavam quadros luminosos da vida de Santa Terezinha, a Vida, Paixão e Morte de Jesus Cristo e outros acontecimentos que a gente ainda não tinha visto e depois nunca mais se viu.<sup>7</sup>

As duas comunidades, de São José e da Mandioca apresentam características marcantes na questão religiosidade, ambas participavam assiduamente dos eventos da Igreja católica. A princípio apenas na serra de São José, após a década de 50 do século XX nas duas serras em virtude da promessa de Perpétua.

---

<sup>7</sup> Depoimento da Senhora Maria Otelina Torres contido na carta enviada ao Padre José Torres

## A PROMESSA DE PERPÉTUA

Na década de 50 do século XX, houve um surto de cólera, doença infecto-contagiosa, que, na época não tinha cura elevava as pessoas a óbito em pouco tempo. Assim, aconteceu na serra da Mandioca, onde foram contabilizadas muitas mortes. Há registros de até duas pessoas da mesma família, uns cuidavam dos outros e pouca gente tinha tempo para trabalhar. Segundo Otelina “era uns cuidando dos doentes e outros levando os corpos para a sepultura.”

Alguns moradores dizem que: “enquanto sepultavam uma pessoa já havia outra morta”. Os sepultamentos aconteciam no cemitério da Igreja de São José, isto porque naquela época era comum serem ao lado da igreja. Em meio a toda situação, o clima era desolador, angústia, sofrimento, tristeza e a sensação de incapacidade, pois até então não se tinha medicação, nem tratamento, e isso levava as pessoas ficarem doentes de tanto medo de morrer. Nesse contexto o Diácono José Paciência ressalta que “as pessoas também foram enterradas em valas, pelo fato de que em algum momento não foi permitido no cemitério em covas como é feito comumente.”

Diante dessa situação em meio a tanta tristeza destaca-se uma mulher que chegou à serra com aproximadamente 12 anos de idade. A mesma tinha uma situação financeira diferenciada visto que, era irmã de Major Azarias um dos primeiros moradores daquela localidade, homem rico que ficou órfão de pai e mãe ainda jovem, assumiu a responsabilidade de educar sua irmã Perpétua e exercer a função de pai. Ainda adolescente Perpétua casou-

se com Antônio Simplício, que segundo relatos veio de uma região denominada Salgada. Como era irmã de um homem de posses recebeu de presente um escravo<sup>8</sup>, considerado o seu melhor presente de casamento.

O senhor Manoel Florêncio Neto, bisneto de Perpétua afirma que ela era dona de uma légua quadrada de terras e que ao longo dos anos, essas terras foram sendo demarcadas, principalmente porque ela viajava com frequência a juazeiro como objetivo de comprar tecidos e outras coisas para vender. Pelo fato de ter ficado viúva, sempre contava com a companhia de seu cunhado Pedro Simplício, pois não se tratava de viagens com romeiros e sim de negócios<sup>9</sup>.

Perpétua mulher destemida e devota à Nossa Senhora é sempre lembrada pelos moradores da serra da Mandioca, em virtude de a mesma ter feito uma promessa que resultou na devoção e religiosidade daquele povo até os dias atuais. As pessoas mais antigas afirmam que isso aconteceu no ano de 1907, quando ocorreu o surto da cólera.

Manoel Florêncio Neto cujo nome foi em homenagem ao avô, que faleceu após seu batismo realizado

---

<sup>8</sup> No período pós abolição não podiam existir escravos, mas, nas regiões de canaviais e fazendas de café de alguns Estados do Brasil, incluindo Alagoas, registra-se a existência de escravos mesmos alforriados. Os jovens eram frutos dos escravos que ficaram nas fazendas, no período após a escravidão, pelo fato de que não tinham para onde ir, ficando apenas a opção de continuar no trabalho escravo disfarçado. Os senhores fazendeiros arranjavam negros de grande porte e saudáveis para engravidarem as ex-escravas da fazenda e assim garantir a continuidade dos jovens negros, os quais poderiam ser doados, pois não havia venda em virtude da Lei Áurea de 1888.

<sup>9</sup> Entrevista com o Senhor Manoel Florêncio Neto, em sua residência, em Palmeira.

na atual catedral de Palmeira dos Índios. Manoel, nascido em 10 de março, foi batizado possivelmente em um domingo, 15 de maio, na matriz de Nossa Senhora do Amparo. Ao retornarem à serra, seu avô adoeceu e começou sentir febre a partir das 15 ou 16h, do mesmo dia. No dia seguinte, segunda feira, infelizmente, ele e mais três pessoas faleceram. Foram assustadoras todas essas mortes no mesmo dia em um povoado tão pequeno.

A partir desse fato é que Perpétua Maria da Conceição, juntamente com seu cunhado Pedro Simplício fizeram a promessa. “O que realmente é considerado um milagre, é que depois daquele dia, ou seja, a partir da terça-feira, quem estava doente foi curado, e quem estava saudável continuou, não havendo mortes daquele mal”<sup>10</sup>.

Logo depois, Perpétua seguiu para Juazeiro para realizar o pagamento da promessa. Quanto ao espaço de tempo que ela gastou há controvérsias, segundo sua bisneta Lindalva Elias (Du), ela teria gasto em torno de 13 a 14 dias, outras afirmam que foram 30 dias, porque ela ficou alguns dias por lá com as outras pessoas que a acompanharam. Ao retornar, trouxe um quadro com a imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro dentro de um balaio (cesto de cipó) juntamente com o livro de novena.

Ela prometeu a Nossa Senhora que iria rezar com o povo todos os anos no mês de março, e ao chegar foi celebrada a primeira missa em sua casa, por não existir igreja na serra da Mandioca. A notícia chegou a várias localidades da região o que ocasionou a presença de muitas pessoas na

---

<sup>10</sup> Entrevista com o Senhor Manoel Florêncio Neto em sua residência em Palmeira dos Índios, em 2016.

casa de Perpétua para rezarem o terço que acontecia geralmente no início da noite.

Fotografia 09: José Florêncio da Silva



Fonte: MOREIRA, 2016.

Quando Perpétua estava com idade avançada lhe sobraram poucas tarefas de terra e ela ficou sob a responsabilidade de José Florêncio da Silva, pai de Manoel Florêncio que garantiu o sustento de Perpétua até sua morte.

Pode-se destacar José Florêncio ainda exposto em um quadro na parede da sala da residência do Sr. Heloi. Vê-se que Florêncio é um homem respeitado por sua honestidade e zelo com Perpétua, uma mulher especial para o povo da Serra da Mandioca, pois foi a partir de sua promessa, um quadro e um livrinho de orações, que há mais de um século sua história é contada para as gerações.

O quadro de Nossa Senhora é muito simples, medindo 46 cm por 30 cm, com uma moldura de madeira com dois frisos na parte interna e outro um pouco mais largo na parte externa. Uma imagem com um colorido sem brilho, próprio da época, mas que até os dias atuais ainda é nítida. Por questão de proteção há um vidro entre a imagem e o fundo do quadro. Esse que é de madeira bastante resistente, sem pinturas e ainda está intacta como foi trazida por Perpétua.

Fotografias 10 e 11: Quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro trazido por Perpétua para o pagamento da promessa



Fonte: MOREIRA, 2015.

De acordo com o Compêndio Vaticano II (1969, p.90) “o verdadeiro discípulo de Cristo se distingue tanto pelo amor a Deus como pelo amor ao próximo”. Diante dessa citação vê-se o exemplo de Perpétua, uma simples mulher,

que colocou a fé acima de tudo e não mediu sacrifício para ajudar o próximo. Seus irmãos estavam necessitando dessa graça que foi alcançada através de Nossa Senhora.

Mas, ainda salienta-se que mesmo após a chegada de Juazeiro com o quadro e o livrinho de novenas, a promessa parecia estar começando, pois outra etapa teria que ser cumprida. A partir daquele momento cedeu sua casa para que fossem realizadas orações, novenas e missas.

É interessante que em momento algum os entrevistados citam que a promessa deveria ser por tempo determinado, mas talvez quando Perpétua comprou o quadro e um livrinho de novenas, já era indícios de que a devoção seria contínua e sua casa seria um local para o início das romarias. Também não há comentários de que ela não gostava ou se sentia incomodada com tantas pessoas em sua residência vindas dos arredores daquela região.

A água fria sempre estava à disposição das pessoas, que utilizavam para beber e às vezes para lavar os pés empoeirados de longas caminhadas. Também não faltava uma boa conversa e com isso as pessoas se sentiam bem-vindas.

A princípio as comemorações culminavam no mês de março, mas no Nordeste brasileiro é período das chuvas chamadas trovoadas, portanto em virtude dos trovões e relâmpagos a comunidade mudou as comemorações para o mês de fevereiro.

Quando terminava a novena, recebiam a visita do Padre José dos Anjos, da cidade de Quebrangulo, que devido ao difícil acesso e a falta de carro vinha a cavalo. De acordo

com relatos alguém ia com outro cavalo buscar e levar o Padre para garantir certo conforto.

## A DEVOÇÃO DO POVO

Desde a década de 40 do século XX, teve início a busca de jovens da serra da Mandioca pela vida religiosa consagrada, e alguns homens apresentaram vocação sacerdotal, sendo o primeiro o Padre Luiz Cirilo da Silva, ordenado em 16 de novembro de 1941, o mesmo foi pároco da Igreja de Nossa Senhora Santana, na cidade de Santana do Ipanema-AL, onde realizou grandes trabalhos e faleceu em 09 de novembro de 1982. Em virtude da sua dedicação até hoje é lembrado e homenageado por seus familiares, amigos da Serra da Mandioca e pessoas de Santana do Ipanema.

Fotografia 12: Cônego Luiz Cirilo da Silva 1º Cônego natural da serra a Mandioca



Fonte: TORRES, sd.

Além do Padre Cirilo outros rapazes dedicaram sua vida à Igreja como: Luiz Farias, Luiz Barbosa Leite ordenado em 29 de junho de 1963, José Torres (Redentorista), o diácono José Paciência Torres, Padre Leandro, religiosas de várias Congregações e catequistas que geralmente são seguidoras dos ensinamentos de suas avós que passam para as gerações mais jovens. Os que não continuaram em conventos e seminários dedicaram sua vida a ações da Igreja. Outro exemplo de amor ao próximo foi o padre Luis Farias.

Fotografia 13: Padre Luis Farias e sua genitora



Fonte: FARIAS, sd.

Padre Luis Farias Natural da serra da Mandioca foi responsável por uma grande obra da cidade de Igaci -Al, onde desafiou o tempo e a condição sócio econômica para ajudar a crianças através da educação e dos ensinamentos de Jesus Cristo. Foi e continuará sendo um grande exemplo de humildade e doação à Nossa Senhora.

Não só os padres, o povo da serra da mandioca venera a Mãe de Deus que é considerada protetora eterna de todas as horas. As celebrações contavam com a participação das pessoas daquela localidade e das regiões vizinhas e por falta de uma Igreja, isso acontecia na casa de Perpétua. Com o passar dos anos era quase uma romaria e a casa ficou pequena para tantos devotos.

Segundo a Senhora Maria Paciência, a festa de Nossa Senhora na Serra da Mandioca, começou com a novena que era rezada na casa de José Florêncio e Antonia Florêncio um casal devoto à Nossa Senhora. Maria Paciência diz: “as pessoas rezavam de joelhos, havia um altar com velas acesas e depois as pessoas iam beijar Nossa Senhora. Não havia problema de espaço, pois a sala era grande e cabia todos que ali chegavam”<sup>11</sup>, Quando terminava a novena, geralmente faziam leilão. Era a única festa que havia antes da década de 50 do século XX, e isso acontecia no mês de fevereiro.

Manoel Florêncio Neto, também fala com riqueza de detalhes sobre a casa onde foram realizadas as novenas por aproximadamente 45 anos, pois, foi a casa onde morou por muito tempo.

Era uma casa antiga com duas salas grandes, uma tinha bancos onde os homens ficavam e a outra, minha mãe forrava esteiras para as mulheres. No canto de uma das salas havia um oratório com o quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e quando terminavam as orações, as pessoas iam beijar o quadro. Ainda sobre esse fato ele lembra que o mês de maio era o período que rezavam a novena, colocavam um mastro com uma bandeira branca. Tudo acontecia como se fosse uma grande festa de padroeira, pois as mulheres faziam as bandeirinhas, havia roda de fogo, foguetes e os zabumbeiros. É interessante a religiosidade desse povo, pois aconteciam outras novenas como a de São Sebastião e no mês de setembro Nossa

---

<sup>11</sup> Entrevista com a Senhora Maria Paciência, em Palmeira dos Índios, em fevereiro de 2015.

Senhora das Dores na residência de tia Leopoldina, e na residência de Antonio Cirilo, pai de Padre Cirilo.<sup>12</sup>

Quanto aos padres, sempre foram pessoas importantes e conseqüentemente bem-vindas naquela localidade pelas pessoas de muito carisma e fé. Uma das causas de existirem tantos católicos naquela localidade, pode estar ligada ao fato da educação dada aos filhos, visto que os mesmos desde criança acompanhavam as mães em tudo que se relaciona com as devoções religiosas.

Segundo Maria Paciência, essa devoção vem desde os avós que rezavam o terço com os netos em uma época que a tecnologia ainda estava distante, pois não havia luz elétrica, televisão, telefone dentre outros com uns no mundo contemporâneo. Continuou enfatizando a fé e a devoção dando exemplo de seus filhos, uma que é religiosa (Quitéria) e o outro Diácono (José), que estudou dois anos no Seminário. Mesmo tendo deixado o seminário não abandonou suas devoções com a Igreja e por isso foi convidado a ser diácono até os dias de hoje.

Sobre sua devoção Maria diz: “Nossa Senhora do Perpétuo Socorro representa tudo, tudo! Ela é força, é vida e a âncora principal na nossa vida. Quando a gente tem qualquer coisa, qualquer problema na vida, basta dizer a Ela “socorrei- nos.”<sup>13</sup> Dessa forma as pessoas e especificamente

---

<sup>12</sup> Entrevista com o Senhor Manoel Florêncio Neto, em Palmeira dos Índios, em 2016.

<sup>13</sup> Entrevista com a Senhora Maria Paciência, em Palmeira dos Índios, em fevereiro de 2016.

a entrevistada nunca têm dúvidas sobre o poder que Nossa Senhora exerce na vida delas.

Fotografia 14: Manoel Otávio e Maria Paciência



Fonte: PACIÊNCIA, sd

Maria Paciência e seu esposo Manoel (*in memoriam*) deram grande contribuição para a serra da Mandioca desde o povoamento às questões da continuidade e intensificação da religiosidade naquela localidade.

O Diácono José Paciência Sobrinho, filho do referido casal, faz uma abordagem da importância do ser Diácono, visto que conforme as Escrituras significa SERVIDOR, aquele que trabalha para o povo de Deus, e por isso afirma que é muito gratificante poder servir, mesmo em meio as suas atividades diárias nunca lhe falta tempo para a Igreja e principalmente para servir a Mãe de Deus e afirma: as Escrituras significa SERVIDOR, aquele que trabalha para o povo de Deus, e por isso afirma que é muito gratificante

poder servir, mesmo em meio as suas atividades diárias nunca lhe falta tempo para a Igreja e principalmente para servir a Mãe de Deus e afirma:

Faço tudo para fazer parte das festividades da Serra da Mandioca, porque Nossa Senhora intercede desde as primeiras pessoas daqui. Me sinto feliz no meio da minha família. Na minha vida Ela agiu desde o segundo dia de vida, momento em que estava morrendo e fui batizado e crismado em cinco dias. Atribuo à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro essa devoção, pois Ela está presente, dar atenção e protege seus filhos. É aquela mãe que está sempre à disposição. Ela socorre, é advogada, é medianeira, é intercessora, mestra e protetora. Nos socorre e neste ano da Misericórdia está intercedendo por nós.<sup>14</sup>

A fé em Nossa Senhora é explícita na fala das pessoas, não sendo diferente com o Diácono José Paciência que enfatiza a importância da Mãe de Deus com seus inúmeros títulos como “Aquele que amortece os problemas”. E ainda afirma que essa devoção vem aumentando a cada dia, mesmo neste século.

---

<sup>14</sup> Entrevista com o Diácono José Paciência Sobrinho, na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na Serra da Mandioca em fevereiro de 2016.

Fotografia 15: Diácono José Paciência Sobrinho em celebração na serra da Mandioca



Fonte: MOREIRA, 2016.

O Diácono sempre reserva tempo para as orações, trabalho, família e a Igreja. Sua fé na Mãe de Jesus é inabalável. Tem prazer em poder servir à Igreja do Povo de Deus, principalmente como multiplicador da devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na sua comunidade, Serra da Mandioca. Outro grande exemplo é o Padre José Torres (Redentorista) natural da serra da Mandioca também relata que desde pequeno viu uma grande piedade que alimentava a fé do povo.

A ausência dos padres não era sentida, pois não era uma realidade ter padres semanalmente e sim, mensalmente momento em que havia uma grande participação por ocasião da celebração da missa. Segundo o entrevistado as novenas constantes ajudavam a manter o povo na vida de devoção e alimentar a fé. Ainda lembra que:

O ano inteiro, diariamente havia “reza 37 na igreja” presidida por Dona Aliete e / ou Tia Ana. Depois chegou a presença constante do Santíssimo Sacramento: todos os domingos já acontecia o ofício de Nossa Senhora às 9h, reunião dos membros da legião de Maria. Houve um tempo que acontecia também o Círculo Bíblico, e à tarde a catequese para as crianças. O mês de maio era um dos momentos mais bonitos do ano, e as crianças tinham um lugar especial no encerramento: faziam uma fila para levar flores para enfeitar a imagem de Nossa Senhora. Isso marcava muito as crianças. No tempo de Natal era a festa maior, havia um toque especial, um espírito novo pairava no coração de todo mundo, não sabíamos como e porquê, mas era algo meio mágico, com canções diferentes, com expectativas novas. Olhar o pobre Jesus na “lapinha” ao redor das luzes piscantes e arranjos especiais era um momento diferenciado. E em torno da devoção de Nossa Senhora acontecia tudo isso que nos fazia crescer na fé. Na capela os homens sentavam à direita e ficavam mais no início da porta de entrada e as mulheres sempre mais à frente.<sup>15</sup>

É uma devoção que vai passando de geração em geração e alimentando o espírito tornando os devotos em multiplicadores do exemplo de Maria. O mesmo enfatiza que a devoção à Mãe do Perpétuo Socorro está no fato de que “no centro da devoção está em Jesus. Toda a simbologia do ícone está voltada para o Filho de Deus que é o Salvador do mundo.”

---

<sup>15</sup> Entrevista realizada com Padre José Torres

Fotografia 15: Padre José Torres (Redentorista)



Fonte: TORRES, 2016.

Padre José Torres (Redentorista) mora em Aparecida do Norte-SP. E assim são muitos exemplos ao longo da vida de cada um dos habitantes entrevistados, mas cada sociedade venera a Mãe de Deus à sua maneira, cada qual tem sua história regada de muito simbolismo e tradição, mas, acima de tudo está a fé. Com o povo da Serra da Mandioca não foi diferente, tudo começou pelo pedido de socorro à Mãe de Deus em virtude da situação que estavam vivendo e foram atendidos. Até hoje mantém com grande fidelidade o que foi prometido principalmente a novena e as orações.

Sobre esse fato Padre José Torres relata:

[...] essa espiritualidade sempre moldou a vida do povo da serra da Mandioca, que 39 nunca deixou morrer a tradição de fazer a “Festa de Fevereiro”, como prometido pelos primeiros habitantes da região. Fosse uma

devoção frágil apenas movida pela cultura ou pela devoção particular de alguém, a religiosidade do povo teria acabado. Mas ela continua porque, apesar dos fortes ataques do mundo moderno às expressões religiosas, a verdade de Deus permanece nos corações de quem fez uma verdadeira experiência de Deus. E que experimente Deus de verdade, transmite essas verdades que outros tenham a oportunidade de experimentar. Embora algumas pessoas expressem fé ou devoção, a maioria mantém-se fiel à tradição e transmite aos filhos e netos a importância de amar a Deus começando por Nossa Senhora que sabe nos levar até Jesus. Maria é uma escola que ensina o jeito de ser de Deus. Por isso é tão amada e comove profundamente os corações de quem mora em Serra da Mandioca. Basta ver a fé e o entusiasmo do povo todos os anos no encerramento da Festa quando canta:” Eis meu coração, oh Virgem do Socorro, à tua proteção hoje venho entregar. Cansado(a) por demais das lutas desta vida, contigo Ele quer 40 para sempre repousar”. Esta, ao meu ver é uma das maiores expressões de amor e afeto a Maria. Ele sabe que com Maria se aprende a amá-lo, porque ela não quer ser amada mais que Deus, afinal ela mesma disse:” fazei tudo o que Ele vos disser” e “A minha alma glorifica o Senhor exulta meu espírito em Deus meu Salvador...” Portanto, um povo que tem seu porto seguro em Maria, pode até sofrer, mas nunca se sentirá sozinho, “pois sois a esperança dos pobres errantes e seguro porto aos navegantes. Depois de rezar assim o ofício de Nossa Senhora, quem se sente só, inseguro, sem sentido para a vida? Termino com o último verso desta oração belíssima:” Humildes oferecemos a vós, Virgem pia, essas orações porque és

nossa guia. Vade vós, adiante e, na agonia nos animeis, oh doce Maria! Amém!<sup>16</sup>

Com estas palavras fica clara a importância dada à Nossa Senhora, bem como, a emoção que se espalha por quem tem essa devoção. O acreditar, a fé, a confiança em Maria como Mãe de Jesus serve como um sustentáculo, funciona como uma mola propulsora que impulsiona a caminhada por mais difícil que seja, mesmo na era da tecnologia em que é com uma falta de tempo das pessoas até para dialogar. Mas, para aquelas pessoas ainda há tempo para louvar e agradecer.

Fotografia 16: Irmã Teresinha Florêncio Farias



Fonte: MOREIRA, 2016.

Irmã Teresinha Florêncio de Farias sempre teve um ideal, servir a Deus através do irmão pobre. Quando foi

---

<sup>16</sup> Entrevista com o Padre José Torres via Internet em fevereiro de 2016.

questionada sobre o que contribuiu para ela ser freira, respondeu:

Desde a infância eu sempre pensei em ser freira. Na verdade, eu não sabia o que era, mas sempre quis. Um dia estava assistindo aula na serra da Mandioca, era a 3ª série e recebemos a visita de padre Jorge Tobias, hoje Bispo. Naquela ocasião ele perguntou quem queria ser Filha de Maria e eu levantei a mão. Minha professora sabia que eu queria ser freira e disse “Terezinha Filha de Maria não é ser freira”. Realmente é um movimento da Igreja como tantos outros. Mas sempre conserva o sonho, porém ouvia as pessoas dizerem que para ser freira precisa pagar um dote. Mas como iria pagar um dote se minha família era pobre? Nem por isso o sonho morreu. Conheci irmã Andreia da 42 Congregação das Filhas do Amor Divino, mas não me identifiquei com o carisma. Depois conheci irmã Bernadete e foi através do trabalho que era realizava com as famílias pobres que eu tive a certeza de que realmente era essa Congregação das Irmãs Franciscanas de Santo Antônio. E assim confirmei que Deus me chamava.<sup>17</sup>

Sobre esse fato irmã Teresinha ainda continua dizendo que desde criança via a devoção das pessoas à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Segundo ela a própria história da serra está alicerçada na devoção e no amor aos pobres. Tendo como grande exemplo a promessa de Perpétua. Quanto a importância das famílias diz:

---

<sup>17</sup> Entrevista realizada com Irmã Teresinha, concedida no Convento, em Palmeira dos Índios-AL, em julho de 2016.

As famílias também têm sua contribuição, pois, eu ainda muito jovem sempre participava dos movimentos da igreja, novena, a festa de Nossa Senhora e a procissão. Também fui catequista, ou seja, isso faz com que as crianças e jovens participem e também tenham essa devoção.<sup>18</sup>

A serra da Mandioca é privilegiada, pois muitos jovens se dedicaram e ainda estão exclusivamente a serviço de Deus quando optaram pela vida religiosa. Padre Leandro é um jovem sacerdote que também realiza celebrações na serra da mandioca e tem parentesco naquela comunidade. Ao entrevistá-lo sobre a devoção à Nossa Senhora relatou:

Historicamente, a devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na Serra da mandioca surge diante de um período de doença que acometeu àquela gente. Diante do sofrimento, da dor e da morte, surge uma esperança mediante a intercessão da Virgem Maria, invocada sob o título de Perpétuo Socorro. Assim começou a devoção. Isto gerou no povo um carinho especial pela Virgem Maria, perante o socorro recebido. Este fator histórico marca decisivamente o desenvolvimento desta devoção. Outros elementos contribuíram: a estrutura familiar com laços fortes e grande prole fortaleceu a transmissão da devoção; a presença do sacerdote acompanhando a comunidade e instruindo na fé os fiéis consolidou uma boa catequese. Cite-se aqui a presença de Mons. Macedo que levou adiante a construção da

---

<sup>18</sup> *Idem*

capela e que realizava missões no povoado, passando dias visitando as famílias, confessando as pessoas, visitando os enfermos e pregando a Palavra de Deus. Em razão 44 disto constatamos que aquela comunidade é muito madura e instruída na fé. Não é à toa que daquele torrão saíram inúmeros padres e religiosos.<sup>19</sup>

É interessante que Padre Leandro além de abordar sobre a devoção à Nossa Senhora, faz uma reflexão sobre as causas dessa devoção que além da promessa de Perpétua aponta fatos importantes dentre eles a família e a presença de Monsenhor Macedo. Ainda sobre a devoção o entrevistado deixa uma mensagem para os jovens.

A fé cristã é sempre nova. Eis que faço novas todas as coisas. (Ap 21,5). O jovem tem um protagonismo importantíssimo na vivência e propagação da fé. Devem, pois, celebrar com alegria a fé dos pais, vendo nesta fé um importante marco identitário e imprimir o seu amor, o seu entusiasmo, o seu dinamismo a esta herança tão bela. Como sacerdote, vejo isto se renovar, pois não é pequeno o número de crianças, adolescentes e jovens que se engajam no serviço litúrgico, na catequese e nos grupos jovens da comunidade. E trazem novidades com seu jeito criativo, com seus talentos.<sup>20</sup>

Sabe-se que é a partir das famílias que essa devoção pode ter continuidade. É muito importante que os jovens estejam presentes nas orações, celebrações, cantando,

---

<sup>19</sup> Entrevista escrita realizada com Padre Leandro, em Maio de 2016.

<sup>20</sup> *Idem*

louvando e encenando. Padre Leandro afirma que “os jovens têm seu jeito próprio e inovador para louvar e agradecer a Deus e à Nossa Senhora.”

## A CONSTRUÇÃO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO

Como a casa de Perpétua não comportava a quantidade de gente que ia rezar, a comunidade se reuniu e tomou a decisão de construir a igreja ainda na década de 50 do século XX. Porém, não foi nada fácil e para tanto, era necessário solicitar ao Monsenhor Macedo que era um ilustre representante da Igreja, responsável por grandes feitos sociais, religiosos e educacionais. Mas, a princípio ele não permitiu e foi formada uma comissão composta por João Torres, Antônio Cirilo, Avelino Torres e Antônio Torres para falar com ele.

Na ocasião que pediram ao Monsenhor, o mesmo respondeu que era velho e eles também, portanto, não podiam construir uma Igreja, então Maria de Lourdes de Ferro afirma que seu pai Valter Otávio Torres e Avelino Cirilo mais jovens que os demais, também pediram. Na ocasião o Monsenhor ficou sem argumentos para negar a construção. Como alternativa perguntou aos mais velhos quem doaria a terra, e foram unânimes em dizer que isso não era problema, pois só era necessário ele escolher o local. Depois dessa conversa ainda foi dada uma condição para a construção da Igreja, ou seja, a garantia de que o povo da serra da Mandioca, não iria deixar de frequentar a Igreja da serra de São José.

Após a confirmação dos moradores, o Monsenhor foi à Serra, como sempre, a cavalo para escolher o local onde deveria ser erguida a igreja de alvenaria com um pequeno altar. As terras escolhidas foram de Antônio Cirilo, espaço que depois de alguns anos, também foram construídos o Centro de Comunidade, a Escola e o Posto de Saúde. Os responsáveis diretos pela obra da igreja foram: Clemência, Luís Celestino (neto de Felisdona) e Manoel Torres (neto de Mariinha), além de Antônio Torres dentre outros.

Fotografia 17: Segunda etapa da construção da Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (ampliação)<sup>21</sup>



Fonte: CIRILO, sd

O Senhor Valter iniciou uma campanha com as famílias e como era uma obra bastante esperada a participação da comunidade foi indispensável. Assim os

---

<sup>21</sup> Fotografia recuperada por TORRES FOTOGRAFIA

tijolos foram fabricados por pessoas da comunidade e cada família doou um milheiro ou o que podia doar, o cimento também foi doação. Alguns anos depois, foi feita uma ampliação tornando-a compatível com a quantidade de fiéis que a frequentava. Segundo Maria de Lourdes Ferro Torres, a construção teve início no mês de setembro de 1951, mas a bênção e a inauguração aconteceram em fevereiro do ano seguinte.

Há controvérsias quanto a essas informações, bem como nas datas (1952 ou 1953). Porém, independente do ano, confirma-se que foi na década de 50. Nessa época, Palmeira dos Índios pertencia à Diocese de Penedo, sendo assim o primeiro Bispo a visitar a referida comunidade foi Dom José III, Bispo de Penedo, no ano de 1956.

Fotografia 18 :Fachada externa da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na serra da Mandioca



Fonte: MOREIRA, 2016.

Nota-se que é uma história marcada pela fé e persistência dos moradores. Havia uma força maior, pois

nada conseguia fazê-los desanimar, mesmo as exigências da Igreja não foram obstáculos, o local, o material, a mão de obra, tudo saía a contento e assim finalmente ergueram a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Sabe-se que para pagar a promessa Perpétua trouxe um quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Juazeiro conforme já foi citado. Mas, posteriormente foi colocada uma imagem comprada por Padre Cirilo. O traslado da imagem que estava em Santana do Ipanema, foi em um caminhão tendo como responsáveis, Ana Maria Torres, Valdemar Otávio Torres, e Maria Izabel.<sup>22</sup> Porém, algumas pessoas desconhecem essa informação confirmando apenas que foi Padre Cirilo que comprou a imagem em Recife.

Fotografia 19: Parte interna da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



Fonte: MOREIRA, 2015.

---

<sup>22</sup> Informações contidas nas cartas enviadas ao Padre José Torres.

A parte interna da Igreja é bem aconchegante, com bastante espaço e do lado esquerdo há um local onde está exposto o Santíssimo para as orações individuais. A doação do Santíssimo foi feita por Monsenhor Odilon Amador um dos grandes colaboradores e admiradores da comunidade da serra da Mandioca. A referida doação foi de comum acordo com Padre Jorge Tobias (atualmente Bispo) que era pároco da Catedral de Nossa Senhora do Amparo, sendo levado por Padre José Nascimento e Irmã Tarcisia no ano de 1980, quando Palmeira já era Diocese.

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro da Europa ao Brasil A origem e história de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro teve início com uma pintura do século XII, que segundo dados da Igreja Católica, foram inspirados em outra de João Evangelista. A tela foi venerada por muito tempo na ilha de Creta localizada no Mar Mediterrâneo, na Europa em (1496).

Mapa 01: Ilha de Creta no Mar Mediterrâneo



Fonte: google.com.br,2016.

Não se sabe ao certo do início da história do Ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Assim, o Ícone pode ter

vindo de Constantinopla por volta do século X. Porém, outros discordam e fazem suas argumentações. Quando se ouve falar no Ícone, se trata de uma representação de Cristo, de Nossa Senhora ou de um Santo em uma tela plana tipo quadro sem molduras, nesse contexto o de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Esses levaram em consideração alguns pontos do momento histórico, ou seja, no século X ou XI, havia iconográficos que escreviam ícones com o propósito de evangelizar, em virtude de que arte sacra estava em evidência. A mesma era utilizada para o ensino das letras através da fé, ou seja, para ensinar a ler e escrever.

Mas há divergências entre os dados. Alguns pesquisadores discordam dessas afirmações, pois acham que não foi em Constantinopla, e sim, em Creta, no século XIV e XV, período após o anteriormente citado. Creta é uma ilha muito famosa do continente Europeu, localizada no Mar Egeu, no sul da Grécia e de grande beleza natural. Quanto ao início da história do ícone do Perpétuo Socorro, parece também ser verdadeira tendo em vista que o espaço tempo citado (XIV e XV) foi um período áureo da arte, que também de certa forma tinha o mesmo objetivo, reanimar a fé através da pregação dos Santos evangelhos e dos Ícones.

Diante do exposto continua uma incógnita sobre verdadeira história. O que realmente pode ser comprovado é que existe o Ícone, mas, pode ter sido na ilha de Creta ou Constantinopla. Essa dúvida não é empecilho, pois não diminui a fé e nem a veneração do povo. Há indícios de que na ilha era venerado um quadro famoso que foi furtado, e isso fica subentendido que se tratava do quadro (ícone) de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

O fato é que ele chegou a Roma. Mas como realmente chegou e por quem foi levado não se sabe ao certo. Mais uma vez se recorre ao momento histórico vivido na Europa, pois, naquela época, a fome e a miséria assolava a população e conseqüentemente o desemprego. Assim pode ter sido por alguém que estava necessitado e achou que vendendo o quadro iria ganhar dinheiro, mas ainda não foi comprovada essa versão.

Quando Roma foi invadida em 1798 pelas tropas Napoleônicas, que eram contra os cristãos muitas igrejas foram destruídas e conseqüentemente a Igreja onde estava o Ícone da Mãe do Perpétuo Socorro, tratava-se, pois, do convento e da Igreja de São Mateus. Mas algo aconteceu que antes da destruição o Ícone fora levado para o convento dos agostinianos de “Santa Maria em Posterula” onde recebeu lugar em uma capela particular. Durante 67 anos o Ícone ficou na capela citada, porém, o beato Papa Pio IX atendendo um pedido do Superior-Geral dos Redentoristas, Padre Nicolau Mauron, aos 11 de dezembro de 1865, entregou o Ícone para que eles fossem os multiplicadores da História da Mãe do Perpétuo Socorro.

A partir dessa data, segundo o Informativo da Província em sua Edição Especial, o ícone passou aos cuidados de Padre Mauron e dos Redentoristas, bem como a veneração pública começou a acontecer no mesmo espaço onde existia a Igreja de São Mateus. Posteriormente foi construída a Igreja de Santo Afonso, (Roma) que recebeu o Ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, após uma restauração. Milhares de pessoas acompanharam em procissão no dia 26 de abril de 1866.

É possível que o ícone milagroso que media 53 por 41,5 centímetros tenha sido inspirado em uma pintura de São Lucas que apresentava algumas características, pois destacava-se como médico, evangelista e pintor. É evidente que seu estilo é bizantino em virtude das características e da riqueza de detalhes sob o ponto de vista artístico e teológico. Pois retrata vários significados em detalhes dos traços fisionômicos, cores e simbologia. Dessa forma se pode explicar cada detalhe da Mãe do Perpétuo Socorro através dos caracteres que lhe são peculiares e específicos.

Não se trata, pois, de uma imagem qualquer, suas peculiaridades chamam a atenção e todas elas têm explicação e significados artísticos e teológicos. Quanto à face apresenta olhos grandes, voltados sempre para quem a está contemplando, é lembrando que a Mãe de Deus está atenta olhando para seus filhos. É uma troca de olhares que simbolizam a fé em Deus.

O silêncio a ser observado é retratado por sua boca pequena enquanto as orelhas grandes simbolizam a importância de escutar a palavra de Deus, ou seja, deve-se escutar e falar apenas o necessário. Geralmente nos ditos populares uma pessoa de testa grande sempre é rotulada como inteligente e sábia, assim também Maria, sua testa faz alusão a sua sabedoria espiritual e ao poder do Espírito Santo.

Mas aparece esbelta, esguia, por incrível que pareça não se trata a nenhum padrão de beleza que tanto se fala no século XXI. Um fato interessante de Mariana arte da iconografia, é que geralmente está com seu filho, é incomum

encontrá-la solitária, isso pode indicar que é Ele, é a nossa referência.

Quando se trata de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro há detalhes interessantes que podem ser destacados:

1. As sandálias ao pé de Jesus está quebrada, presa por um fio, são às vezes que pode-se estar preso por um fio por causa do pecado mas sempre merecedor do amor de Jesus Cristo.

2. A estrela no manto de Maria é a estrela guia que nos conduz como conduziu os Reis Magos, ao encontro de Jesus.

3. As mãos de Jesus apoiadas nas mãos de Nossa Senhora simboliza confiança total.

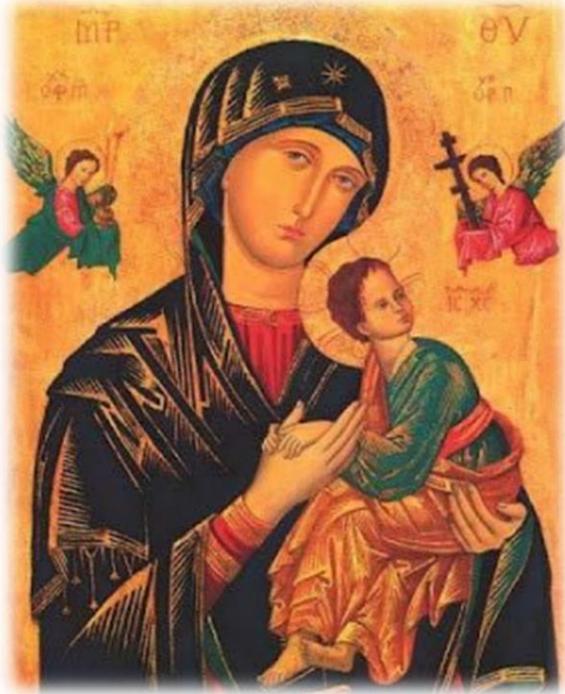
4. Quanto às letras gregas são abreviatura do nome de Jesus Cristo, do nome de Mãe de Deus e os nomes dos Arcanjos.

5. As cores têm seus significados teológicos: Azul – Fazem referências às virgens nos primeiros tempos do cristianismo, simbolizando pureza. Vermelho-eram as mães, signo de caridade Verde – a cor do manto de São Miguel, à esquerda, segurando a lança e a esponja de fel Lilás – é a cor do manto de São Gabriel, à direita, segurando a cruz e os cravos que perfuram os pés e as mãos de Jesus.

Ainda se faz necessário explicitar que o vermelho, o verde e o azul presentes na roupa da Santa Mãe, era exclusivo da realeza. Assim percebe-se que ELA era considerada uma Rainha, diferente das demais terrenas e pecadoras, pois se trata de uma mulher diferente: RAINHA DOS ANJOS e DOS SANTOS.

É uma pintura que retrata a Paixão de Cristo. O fundo dourado era próprio da época do Império Romano em outras pinturas de pessoas consideradas ilustres. Nesse caso, o ouro, é símbolo da Glória da Rainha dos Céus.

Imagem 01: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



Fonte: Google, 2016.

É difícil tentar explicar alguns fatos que pertencem ao âmbito Divino, pois, verifica-se que segundo os dados, apesar das invasões o ícone não foi destruído sendo posto em um lugar seguro onde passou várias décadas. Outro ponto marcante foi à igreja de Santo Afonso ter sido erguida

exatamente no mesmo lugar da Igreja de São Mateus que fora destruída. São incógnitas.

Mas a certeza é que deve ser propagada essa história, bem como continuar pedindo ao povo que reze sempre mais, solicitando a interseção da Mãe de Jesus. Desde 1866 os Redentoristas atendendo ao pedido do beato Papa Pio IX, têm divulgado e expandido a necessidade da devoção para milhares de pessoas de diversas partes do mundo. Atualmente em aproximadamente 80 países pode ser encontrado devotos de Maria, a “Mãe do Perpétuo Socorro”.

De acordo com dados da Província a missão está sendo cumprida, pois a devoção à “Mãe do Perpétuo Socorro” não só existe nas igrejas ocidentais e católica Romana, há também nas orientais e ortodoxas. Um fato interessante que merece ser destacado é que mesmo os Redentoristas sendo responsáveis pelo Ícone, há registros de que em alguns lugares, a exemplo no Haiti, país insular da América Central, Coréia, país oriental asiático e Gana no continente Africano a devoção precedeu a chegada deles, bem como, foi nomeada por várias Congregações e paróquias como padroeira própria.

Vale salientar que a divulgação não só acontece através das igrejas, capelas e congregações, destaca-se os meios de comunicação de modo geral onde é possível chegar às casas, hospitais, repartições e outros lugares longínquos com a palavra de fé e amor da Santa Mãe de Deus.

## JUBILEU DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO: 150 ANOS (1866-2016)

Há 150 anos o Ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi entregue aos Redentoristas datados de (1866) com o intuito de propagar em todos os lugares o Amor de Deus por Nós. Os devotos devem conhecer a sua história “para que seja conhecida no mundo inteiro”. Ela está sempre pronta a nos socorrer em qualquer situação, pois segundo o Informativo da Província (2014), tem sido ao longo dos anos uma experiência de amor. É notório que Maria os acompanha com seu olhar materno e sereno.

Quanto às festas procissões e novenas não há uma data certa, pois há 150 anos no dia 15 de dezembro aconteceu o pedido do beato Papa Pio IX que diz: “tornai-a conhecida no mundo inteiro”. O Papa Francisco reforça o convite ao Jubileu de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro dizendo:

O pensamento se dirige agora à Mãe da Misericórdia. A doçura do seu olhar nos acompanhe neste Ano Santo, para que todos possamos redescobrir a alegria da ternura de Deus. Ninguém como Maria conheceu em profundidades o mistério de Deus feito homem. Tudo em sua vida foi plasmado pela presença da misericórdia feita carne. A Mãe do Crucificado Ressuscitado entrou no santuário da misericórdia divina porque participou intimamente no mistério de seu amor. (PAPA FRANCISCO, 2014)<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Sobre a cronologia pode ser destacado:

1893 - A chegada dos Missionários Redentoristas alemães para o Brasil - em Campinas. 1898 - Pe. Cícero Romão Batista conhece a devoção do

O Papa Francisco lembra a toda Igreja que Maria foi a primeira missionária a proclamar que Jesus é o Senhor da História e nosso Salvador. Porém, de acordo com os boletins informativos da Província, a devoção à Nossa Senhora é muito antiga e de origem Greco Católica possivelmente do século XIII, então vê-se que bem antes de chegar a Roma, havia essa devoção.

No século XV encontrava-se em Roma onde aconteceu romarias durante 300 anos. Mas no período Napoleônico muita coisa mudou inclusive as devoções religiosas que foram impedidas e para tanto destruíram as igrejas através das guerras no período de 1799 – 1893. Porém, mesmo sem romarias a fé permaneceu no povo.

Ressalta-se o esforço de Padre Miguel Marchi C.Ss.R, durante o período de 1829 a 1886 para que o “Quadro” voltasse à antiga Igreja e possivelmente por interseção de Maria isso aconteceu. A partir de 1866 os Redentoristas fizeram uma peregrinação para visitação pública pela Europa e Américas.

No Brasil a veneração só começou no ano de 1893, após 27 anos que havia passado por aqui, em virtude também da chegada dos responsáveis pela difusão da veneração à Nossa Senhora, os Redentoristas. É interessante que as coisas foram acontecendo gradativamente e assim, em 1913, mais precisamente aos 06 dias do mês de março o Seminário dos Redentoristas Santo Afonso, localizado em Aparecida do

---

Perpétuo Socorro, em Roma 1922 - “Novendialia – Pe. André Bron – Saint Luis USA 1927/28 - O nome oficial de “Novena Perpétua” que já existia desde 1922.

Norte –SP, recebe um Quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que fora abençoada pelo Papa Pio X,

Diante da grande devoção e da responsabilidade dos Redentoristas em difundir a devoção, era necessário que fosse edificada uma Igreja sendo um espaço destinado à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Nessa longa caminhada a cidade escolhida foi São João da Boa Vista –SP, onde existe a casa e uma Igreja. Ficando lá por 28 anos.

A partir desse momento tiveram início os preparativos para a primeira novena realizada naquela localidade nos dias 03 a 12 de agosto de 1941, momento que aconteceu uma festa e cujas celebrações foram feitas pelos padres Geraldo Pires e Raimundo de Moura. Ainda no mesmo ano, em 22 de novembro houve a grande solenidade para transportar o quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro para seu templo, passando o lugar a ser um polo missionário, de peregrinações e devoções marianas. Ainda dentro dessa cronologia, em 1941, também foi lançada a pedra fundamental para a construção da Diocese de Ribeirão Preto.

De acordo com os boletins da Província, em 1942, a novena e a festa tiveram muitos devotos. No dia 8 de agosto foi instalada a arquiconfreria de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, com o objetivo de as pessoas praticarem sua espiritualidade mariana e as obras cristãs. Em 1944, as novenas perpétuas das quartas-feiras contavam com a participação do povo [...] “eram manifestações de piedade popular”.

## OS REDENTORISTAS: A MISSÃO DE TORNAR NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO CONHECIDA NO MUNDO INTEIRO.

A Congregação de Santo Afonso Ligório, foi fundada em 1732, os Redentoristas têm seu fundador um devoto de Jesus Crucificado, que pela Cruz e Ressurreição resgata seus filhos do pecado. A participação de Santo Afonso teve grande importância não só para a fundação dos Redentoristas, mas pelo exemplo que deu como sacerdote.

Na época Santo Afonso ainda sacerdote, optou por pregar para os pobres, ir para a zona rural, cuja realidade era diferente dos sacerdotes da cidade, pois além de trabalhar com uma classe de fiéis sofrida e pobres, era também mal remunerados. Mesmo assim, continuou com sua missão. Pregava de uma forma que aquelas pessoas mesmo humildes entendiam sua mensagem, e assim adotou uma linguagem simples e sempre dizia:

Todo pregador que prega para si mesmo, produz um dano muito grande à Igreja. Seria melhor que a Congregação deixasse de existir do que permitir a entrada dessa maldita peste: a ambição do pregador em falar em linguagem elevada. (Secretariado das Vocações Redentoristas, 2015).

O exemplo de Afonso Maria de Ligório surtiu resultado, pois outros sacerdotes também aderiram à técnica de falar em linguagem simples acessível para as pessoas necessitadas. É diante desses sacerdotes e de tanta devoção que a Igreja reconhece o trabalho deles e especialmente de

Ligório. Tomando por base todos esses trabalhos, o Papa Bento XIV aprovou o Instituto dos Missionários Redentoristas em 1749. Espalhados nos continentes em aproximadamente 80 países continuam sua missão e sempre seguindo os ensinamentos do seu fundador, acolher e adaptar-se as diversas comunidades por onde trabalham, sendo uma grande referência para os Redentoristas.

Dessa forma a comunidade da serra da Mandioca há mais de um século mantém fé em Nossa Senhora, tendo também seu representante Redentorista José Torres ordenado em 22 de novembro de 2014, do Perpétuo Socorro sendo também um multiplicador da devoção a Mãe de Deus. Quando foi perguntado por que Redentorista, diz não haver uma resposta exata. Pois afirma que:

A história vai sendo construída sem que entendamos os sentidos de tudo. De forma que no futuro vamos olhando a estrada percorrida e entendemos que tudo parece ter sido feito por alguém. E esse alguém entendamos que seja Deus. Só sei dizer que me conduziu (porque não dizer “seduziu”) até aqui por Sua Graça, nunca por merecimento. Tendo nascido num lugar em que a padroeira é Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, eis que me encontro na Congregação em que a Igreja confiou o ícone original para que tal devoção fosse divulgada no mundo inteiro. Cresci participando da Igreja e ouvindo as orações das novenas que falavam de Santo Afonso, de sua devoção. No entanto, Santo Afonso fundou a Congregação Redentorista. Coincidências, diriam os sem fé, misericórdia, digo eu que tenho uma pequena chama de fé em mim. Assim,

descobri que um Redentorista é ser “pequeno Redentor” no mundo e ter um grande amor a Maria, a Mãe de Jesus.<sup>24</sup>

Padre José Torres, sempre quis ser Padre desde pequeno. Apesar das dificuldades não desistia, e para tanto, em 1986 foi necessário estudar no colégio interno de Igaci em Alagoas, sob a coordenação de Padre Luiz Farias, também da Serra da Mandioca. O colégio interno era o Casa, Carinho e Alimento (CCA) conhecido na região pelo desafio do seu idealizador, o Padre Luiz Farias. Na década de 90 do século XX, José Torres já havia concluído o Ensino Médio, na época 2º grau, e decidiu ir para São Paulo em busca de independência e vida própria.

Naquele momento estava em pauta o sustento através de um trabalho e o sonho de ser padre estava guardado. Mas, não era o trabalho e a liberdade que iria trazer realização, faltava o sonho e assim, como já havia conhecido os Redentoristas em Garanhuns, decidiu ir em busca do seu ideal. Em São Paulo, tentou preencher a lacuna, pois apesar das conquistas segundo ele “estava faltando algo”, então ao escrever para os Redentoristas de Garanhuns foi informado que havia em São Paulo, e assim foi feito.

---

<sup>24</sup> Entrevista realizada por e-mail com Padre José Torres em março de 2016.

Fotografia 20: Padre José Torres (Redentorista)



Fonte: TORRES,2016.

Em 1993 entrou no seminário para aprofundamento vocacional-ser Padre. Faltando dois anos para concluir os estudos em Teologia, decidiu ser irmão Redentorista e não pedir a ordenação. Em 2001 terminou a formação Redentorista e pediu para assumir a missão na Vice-Província Redentorista do Recife. Passou 11 anos servindo às comunidades do Nordeste dentre as quais: Garanhuns, Recife, Arapiraca e Campina Grande. Em 2013, voltou para a Província de São Paulo atuando nos meios de comunicação (Portal a12.com) e na Promoção Vocacional Redentorista. É de fato mais um filho ilustre de Nossa Senhora e da serra da Mandioca.

## CAPÍTULO II

### POVOADO SERRA DA MANDIOCA: ASPECTOS GERAIS

---

A comunidade da Serra da Mandioca está localizada há 12 quilômetros de Palmeira dos Índios –AL, município com 70 mil habitantes de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE,2010).

Sua história está alicerçada na História da Igreja Católica no Brasil, visto que teve seu início marcado com a chegada de Frei Domingos de São José, que, mesmo com a presença de afrodescendentes a catequização e evangelização foi destinada principalmente aos índios Xucuru- Kariri da região. As terras do município foram doadas por Dona Maria Pereira Gonçalves, grande latifundiária e católica. A cidade ainda mantém suas peculiaridades com as aldeias, os quilombolas e os não índios, resultando em um espaço de grande legado histórico, cultural e religioso.

A localização da serra da Mandioca é estratégica, pois está entre a área urbana de Palmeira dos Índios e o município de Quebrangulo, favorecendo para que o povoado seja bastante visitado e apresente um número considerável de famílias residindo naquela localidade. A maioria vive da lavoura e da pecuária, os demais, trabalham em Palmeira dos Índios, cujos filhos que estão na fase escolar também se deslocam, realizando a migração pendular ou diária. É privilegiada pela climatologia, e por se tratar de uma região

de elevada altitude apresenta um clima bastante frio, apresentando paisagens com predominância do verde nos vales íngremes que são aproveitados para a criação de gado. As bromélias e orquídeas dão um colorido diferente e deslumbrante no topo de algumas árvores.

Fotografias 21 e 22: Vista das encostas que dá acesso ao povoado da Serra da Mandioca



Fonte: MOREIRA, 2016

O povoado apresenta um espaço central com algumas árvores dando ideia de uma grande praça com casas ao redor, tendo como o maior e mais importante patrimônio a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro construída em alvenaria. A igreja continua com suas mesmas características arquitetônicas, pelo fato de não ter sofrido reformas, apenas uma ampliação para melhor acomodar os fiéis.

Fotografia 23: Vista da área central do povoado: escola, igreja e centro de comunidade



Fonte: MOREIRA,2016.

Ainda no espaço citado encontram-se algumas casas dos antigos moradores, um mercado com o nome da Santa Padroeira, uma escola, um centro de comunidade construído por Dom Otávio Aguiar, primeiro bispo de Palmeira dos Índios e um Posto de Saúde.

Os moradores mais antigos, afirmam que o povoamento teve início a partir da ocupação da numerosa família de 14 filhos (4 homens de 10 mulheres) de Acácio e Izabel que morava em uma região conhecida como Bonifácio. Porém, apesar de possuírem casa estavam cansados de realizarem seus plantios principalmente o de mandioca na serra. Além da distância, enfrentavam as mudanças do tempo como; o frio, o sol e a chuva. Para uma

melhor comodidade construíram uma palhoça também conhecida como rancho.

Fotografia 24: Plantio de mandioca na serra da Mandioca



Fonte: CAVALCANTE, 2016.

Possivelmente essas famílias também foram responsáveis pelo nome dado àquela localidade, que apresentava solo propício para o plantio da mandioca e produção de farinha. Ao chegarem, abriram clareiras na mata que davam acesso ao rancho. Também construíram moradia e uma casa de farinha contabilizando a primeira de nove.

Para a Geografia o rancho era o ponto de referência do processo de ocupação da região. Nota-se que ele era o ponto central e as demais construções foram edificadas ao redor do mesmo, os roçados, a casa de farinha e o acesso para

outras localidades. Não se sabe o local exato do rancho, mas tudo leva a crer que foi na parte central do povoado.

As imagens a seguir mostram as áreas externa e interna de uma das casas de farinha ainda em funcionamento, o forno, o motor e um dos troncos usados na primeira casa de farinha de Acácio e Izabel, ora desativada, localizada próximo a atual e usado como banco à sombra das mangueiras.

Fotografias 25 e 26: Casa de Farinha da Serra da Mandioca



Fonte: MOREIRA, 2016.

Fotografias 27 e 28: Máquina da casa de farinha e um tronco da antiga casa de farinha



Fonte: MOREIRA, 2016.

Acácio e Izabel tiveram contato com pessoas de outras comunidades como: Traíra, Buenos Aires, Cajueiro, Cafundó, Salgada, Anum e Caldeirão. Esse fato pode ter ocasionado o casamento dos filhos do casal com pessoas de outras localidades.

O primeiro filho de Acácio e Izabel que casou foi morar na serra de São José nome atribuído ao santo considerado o patrono da família. Mas, de acordo com os depoimentos de alguns moradores a padroeira é a Sagrada Família, cuja imagem trouxeram de Recife para ser colocada na conhecida igreja de São José. A princípio a igreja ficou sob a responsabilidade de Cândido, filho de Acácio e Izabel responsáveis pela construção e sua esposa que também tinha o mesmo nome de sua sogra.

Para intensificar a origem dessa história tem-se os depoimentos de Paulo Cândido bisneto de Acácio Simplício e neto de Cândido, que salientou em sua fala que aquelas terras não tinha dono, cada um ia chegando e se apropriando de um pedaço. Quanto a sua família, afirma que é originária de Pernambuco. Os primeiros foram Acácio Simplício e sua esposa que foram morar em serra do Bonifácio, chamada posteriormente de serra da Mandioca.

Paulo continua a conversa dizendo “não havia divisão entre serra de São José e da Mandioca,” mas um fato interessante ocorreu, pois, foi contratada e encaminhada uma professora para aquela região, a senhora Elsa Barbosa que seria remunerada pelo Estado. Porém, os moradores onde hoje é serra de São José acharam que ficava um pouco distante para eles se deslocarem em para a serra da

Mandioca. Diante do exposto os moradores resolveram falar coma autoridade da cidade, o Senhor Juca Sampaio.

Fotografia 29: Paulo Cândido bisneto de Acácio e Ivani sua esposa



Fonte: MOREIRA, 2016.

Para tanto, a solução do governante foi que, isso só era possível se dessem outro nome ao local desmembrando em duas comunidades. Então, em comum acordo com o povo e levando em consideração o princípio religioso foi escolhido o nome serra de São José. Para a realização das aulas, havia sido construída pela comunidade em regime de mutirão, uma casa com sala grande, pois na época não havia um prédio com caracteres de escola que comumente chamado de grupo escolar.<sup>25</sup>

Não se pode nesse contexto ignorar a serra de São José, pois, no início tratava-se de uma só comunidade.

---

<sup>25</sup> Texto escrito segundo informações do Senhor Paulo Cândido, bisneto de Acácio primeiro morador da região pesquisada.

Quanto a Igreja de São José, era uma capelinha construída na encruzilhada. Não havia cemitério e as pessoas eram enterradas naquela localidade (encruzilhada). Então, de acordo com os relatos de Paulo Cândido, a comunidade recebeu 40 tarefas de terras doadas por uma latifundiária, a senhora Maria Antônia. Assim, aconteceu a construção da igreja e foi colocada a imagem de São José representante da Sagrada Família.

No processo de ocupação da serra da Mandioca, também aparece Major Azarias, um dos primeiros habitantes daquela localidade, homem de grande poder aquisitivo que na parte alta da comunidade construiu a fábrica de beneficiamento de algodão, pois, o mesmo era proprietário de uma (bulandeira) máquina descascar o referido produto. Destacou-se como político, o primeiro da Serra da Mandioca, responsável por Palmeira dos Índios antes da sua emancipação, ou seja, antes de 1889, juntamente como Capitão Leôncio Hollanda Maranhão e o Capitão Cândido Pereira de Omena dentre outros que deram sua contribuição assumindo o cargo de Intendentes. Após Major Azarias, também chegaram à serra Antônio Paciência Torres e Manoel Paciência Torres oriundos de Pedras de Fogo, eram dois irmãos sem muitos recursos financeiros, porém, homens trabalhadores e perseverantes. Foram responsáveis por uma família numerosa e de grande importância para a história da sociedade da serra da Mandioca.

O Senhor Luiz Farias Cavalcante (LU)<sup>26</sup>, em entrevista, lembrou que sua mãe também era oriunda de

---

<sup>26</sup> Entrevista realizada com Luiz Farias Cavalcante, em fevereiro de 2016, em Palmeira dos Índios.

Pedras de Fogo, porém, assim como os demais entrevistados não sabe onde ficava o referido povoado. Ainda era criança e lembra que saíram de lá porque sabiam que as terras da serra eram boas para o plantio da mandioca. Era comum dizerem que iam para a serra da mandioca. Fala com grande satisfação de sua numerosa família de 12 filhos ressaltando que apesar do pouco estudo sempre disse que “um dos maiores bens é o estudo”.

E assim, junto com Nair sua primeira esposa (falecida) não mediu esforços para que todos estudassem inclusive três ingressaram na Marinha do Brasil, os demais seguiram outras profissões como: técnico em enfermagem, enfermeira, professora, comerciante e setor burocrático.

Fotografia 30: Luiz Farias Cavalcante (LU)



Fonte: MOREIRA, 2016.

Luiz (LU), fala sobre as irmãs holandesas e afirma “foram de muita importância para o povo da serra da Mandioca, principalmente os mais pobres. Elas ajudavam a muita gente.” Nesse contexto destaca-se a participação de

Dom Otávio Aguiar responsável pela presença da irmãs que vieram da Holanda para ajudar aos necessitados. Para tanto, juntamente como Bispo citado construíram o centro de comunidade como objetivo de prestar serviço à comunidade principalmente às mulheres. Trouxeram algumas máquinas de costura para aulas de corte e costura.

Ainda sobre esse assunto o entrevistado disse que Dom Otávio costumava dizer aos homens “não casem com mulheres que não sabem costurar, cozinhar porque isso é preguiça”. A partir desse alerta as mulheres se dedicavam aos cursos que eram oferecidos de corte e costura, culinária, trabalhos manuais.

Na época o trabalho da Igreja católica através do Bispo estava voltado para a situação econômica do Brasil. Os anos 70 e 80 do século XX foi um período marcado por grandes dificuldades financeiras, principalmente do Nordeste brasileiro em virtude da seca que assolou a região e, após a alavancada econômica do Brasil, a década 80 foi considerada perdida economicamente. Diante desses fatos muitos sertanejos sobreviveram de doações. É nesse contexto que é destacado o trabalho das irmãs holandesas conhecidas na cidade pelos grandes feitos que faziam.

Para época era irreverentes, visto que, saiam em uma moto ou melhor lambreta, tipo vespa mesmo vestidas de hábito, mas, nunca colocavam obstáculos quanto ao calor, sol causticante, distância ou acessibilidade quando a questão era ajudar as pessoas.

A realização desses trabalhos não era tudo, as irmãs holandesas não estavam satisfeitas e também exerciam papel de enfermeiras, ou melhor, quase médicas, realizavam pré-

natal, pois, havia um cuidado especial com as mulheres grávidas, doavam remédios, pomadas e xaropes que às vezes vinham buscar no clube de mães em Palmeira dos Índios, também fundado pelo Bispo Dom Otávio Aguiar. Quanto às irmãs, o destaque vai para Irmã Bernadete.

O senhor Heloi e sua filha Maria Ferreira foram unânimes em afirmar que as holandesas realizaram um grande trabalho na serra, irmã Bernadete que realizava pré natal das gestantes, diagnosticou que a senhora Terezinha, esposa de Heloi estava gravida de gêmeos os quais receberam o nome de Cosme e Damião<sup>27</sup>.

Ainda sobre as holandesas o casal Irene e João Miguel afirma que as irmãs ajudavam principalmente as famílias carentes. E continuam dizendo que elas doavam uma massa para fazer papa, às vezes dava um pouco de dinheiro, mas lembra que não era sempre e nem para todos. Escolhiam os mais necessitados e que tivessem muitos filhos sendo eles contemplados em virtude dos seus 15 filhos<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> Entrevista com Sr. Heloi realizada em sua residência, na Serra da Mandioca, em março de 2016.

<sup>28</sup> Entrevista com o Irene e João Miguel realizada em sua residência em Palmeira dos Índios em fevereiro de 2016

Fotografia 31: Irene e João Miguel



Fonte: MOREIRA, 2016.

João e Irene ambos com mais de 80 anos, afirmam que sua família é oriunda da região de Canudos e Cajueiro, mas eles são da serra da Mandioca. Trabalharam muito para educar seus 15 filhos. João Miguel não escolhia trabalho, pois, o importante era que não faltasse a comida para seus filhos, andava léguas a pé, às vezes de Viçosa ou Paulo Jacinto até a serra e vice versa.

Depois ele percebeu que a roça era pouco e arranjou um emprego da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), mas foi na Companhia de Abastecimento de Água de Alagoas (CASAL), que passou 27 anos, e assim educou seus filhos conforme sua vontade. Não esquecem que foram ajudados e agradecem inclusive a Antônio Paciência pelas vezes que levava eles ou seus filhos a Palmeira dos Índios, confiando em sua palavra que o pagamento só iria ser efetuado só no final do mês. Quando jovens estudaram na escola da serra com Dona Zezé e depois com Noêmia (Irmã

Gilberta) que é madrinha de Irene. Ainda hoje mantém a tradição de pedir a bênção à madrinha que a abençoa com carinho.

Quanto à devoção à Nossa Senhora, Dona Irene afirma que “tudo meu é com Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Caso não possa acompanhar a procissão quero pelo menos estar na porta vendo passar.” Ela ficava aguardando o ano todo e durante 6 meses ficava falando na festa, já que era a única festa que participava.

Eles também fazem referência ao centro de comunidade, além das irmãs outras pessoas voluntárias trabalhavam no centro de comunidade, dentre elas podem ser citadas as irmãs Filhas do Amor Divino representadas por Irmã Tarcisia que ia ensinar pintura em tecido, bordado e flores. Para a eficácia do trabalho convidava outras pessoas inclusive alunas para realizarem esse trabalho voluntário, dentre elas (Ana Cristina Moreira).

Fotografia 32: Centro de Comunidade construído por Dom Otávio Aguiar -1º Bispo de Palmeira dos Índios



Fonte: MOREIRA,2016.

O Centro de Comunidade é citado pelas pessoas por sua importância na época, onde as mulheres iam aprender alguma atividade, sendo influenciadas pela própria igreja. Como se tratava de uma obra do Bispo Dom Otávio Aguiar ele mesmo se encarregava de incentivá-las.

Zélia Celestino Cavalcante também falou sobre a importância do centro para aquela comunidade, pois lembrou com saudosismo dizendo “era muito bom, tinha muitas máquinas de costura e as mulheres aprendiam a cozinhar, bordar, pintar tecidos e até fazer bonequinhos de pano para vender na festa da serra. Era também um espaço de lazer. Não se pode esquecer as apresentações de pastoril, reisado e guerreiro que aconteciam naquele espaço alegrando a comunidade. Infelizmente, hoje está desativado<sup>29</sup>

Outro aspecto referente ao povo da serra é quanto a sua origem. Há algumas décadas professores da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, dentre eles o professor José Ronaldo Batista, afirmaram em suas pesquisas que era descendente de holandeses, na reportagem publicada no Jornal Gazeta de Alagoas, em 16 de janeiro de 2000.

Os holandeses chegaram ao Brasil e conseguiram comercializar o açúcar graças à capacidade de Maurício de Nassau seu grande líder. A ocupação holandesa no Nordeste do Brasil ocorreu em 1630 a 1654 e neste espaço de tempo estiveram especificamente em Pernambuco se estendendo pelo território alagoano. Assim sendo, todos os questionamentos se voltam para a grande curiosidade; como

---

<sup>29</sup> Entrevista com a Senhora Zélia Celestino Cavalcante realizada em sua residência em Palmeira dos Índios 2016.

e por que o povo holandês fixou-se em Alagoas, acentuando a probabilidade de que os chamados “galegos” da Serra da mandioca são descendentes de holandeses. Para entender melhor esse processo, se faz necessário uma pesquisa mais aprofundada não sendo o propósito dessa obra.

O Senhor Luiz (LU) diz que não há nenhuma recordação de que as holandesas confirmavam a consanguinidade desconhecendo que eles eram seus descendentes. Segundo o mesmo ouvia dizer que seu pai (Pedro Farias Cavalcante e outra família dos Iaiá eram descendentes dos holandeses.

Mas ele disse “Eu acho que não. Só sei que depois da guerra ficaram muitos focos desse povo em Pernambuco e aqui em Alagoas, mas ninguém confirmou o certo. Fizemos uma pesquisa e colocamos isso no jornal, mas eu não sei<sup>30</sup>” A referida reportagem teve como principal colaborador Milton Cirilo (*in memoriam*) que sempre estava disponível para contar a história do “povo da serra”. Destaca-se que sempre teve orgulho em dizer que fazia parte daquela região.

---

<sup>30</sup> Entrevista com o Sr. Luis Farias Cavalcante realizada em sua residência em Palmeira dos Índios em fevereiro 2016.

Fotografia 33: Milton Cirilo e Salete sua esposa



Fonte: Cirilo, 2016.

Milton Cirilo (in memoriam) é descendente de uma das primeiras famílias que chegaram a Serra da Mandioca, sua residência localiza-se na parte central, próximo a Igreja, ao centro de comunidade e à escola, fato que sempre fez de sua casa e um ponto de referência para encontros ou mesmo apoio para as pessoas.

Na época da festa destaca-se também a casa de Linésio e Aliete, irmã de Milton, como um dos locais de acolhimento para os padres, os zabumbeiros e quem chegar. O mesmo acontece na residência de Milton, mesmo após sua morte, visto que Salete, sua esposa, mantém a tradição, e, em época de festa deixa a casa aberta, cadeiras na calçada e mesa farta para os amigos e conhecidos.

Há anos que a lateral da sua residência é utilizada para o espetáculo dos foguetes e rojões. Nada incomoda, nem o barulho, a fumaça e o vai e vem das pessoas.

Fotografia 34: Padre Wendel sendo recebido por Linésio e Aliete Cirilo



Fonte: MOREIRA, 2016.

Não há trabalhos científicos sobre a comunidade da serra da Mandioca, apenas registros em trabalhos escolares do ensino básico, monografia em construção, porém, o jornal citado é o de maior relevância até o momento, bem como as cartas respondidas ao Padre José Torres e alguns poemas escritos por Manoel Elias um conceituado repentista, poeta nato e descendente daquela sociedade.

### Fotografia 35: Manoel Elias repentista e poeta



Fonte: MOREIRA, 2016.

Com o repente, versos e prosas, Manoel Elias conta a história de seu povo nas rádios, na igreja, na rede de televisão e nos arredores de Palmeira dos Índios. É uma tradição principalmente na zona rural, onde é dado um mote, ou seja, um tema, e através do repente da viola a história é contada. Ele é multiplicador da devoção à Nossa Senhora através da cultura.

Outra pessoa conhecida por todos os moradores da serra da Mandioca é Lindalva Elias, conhecida carinhosamente como (DU), bisneta de Perpétua. É natural da serra da Mandioca e afirma que desde que nasceu é devota de Nossa Senhora. Cresceu ouvindo os ensinamentos de sua mãe Alcina. Foi estudar e lá a professora também pedia para que rezasse. Ainda jovem, começou a ensinar às crianças a rezarem a Ave Maria e o Pai Nosso, lembro que “as crianças ficavam de pé e eu ensinava”.E continua

Fui crescendo e via meu pai vir à igreja assistir à missa às 7h pela rádio. Um rádio era colocado no altar em uma altura que todos ouvissem Dom Otávio Aguiar, celebrar a missa na Catedral. As pessoas só tomavam o café da manhã depois da missa<sup>31</sup> O maior presente é a fé. A maior riqueza que eu tenho é a fé. Por isso, não percam a fé e a esperança que o mundo ainda vive por causa da fé desse povo. Jovens busquem a fé e as mães incentivem seus filhos para que eles aprendam a conversar com Deus.<sup>32</sup>

Fica claro que mesmo com a ausência do padre assistiam à missa e respeitavam todos os momentos, inclusive a comunhão, visto que realizavam de forma espiritual, por isso, deixavam para tomar o café da manhã após a missa respeitando um espaço de tempo sem se alimentar antes da comunhão.

---

<sup>31</sup> Entrevista com Lindalva Elias (DU) realizada na Igreja da Serra da Mandioca em maio de 2015

<sup>32</sup> *Idem.*

Fotografia 36: Lindalva Elias (Du)



Fonte: MOREIRA, 2015.

Lindalva Elias dedica-se às atividades da Igreja desde sua adolescência. Está sempre presente nas novenas, missas e principalmente na época da festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, tendo o cuidado de organizar a procissão, verificar o lugar em que as pessoas devem sentar e tudo que pode cooperar para o bom andamento das atividades. Sempre fica emocionada quando fala na devoção à Nossa Senhora.

## ÁRVORE GENEALÓGICA

A árvore genealógica da Serra da Mandioca é uma tarefa muito difícil de ser entendida e quase impossível de ser reconstituída na íntegra em virtude de vários homônimos, ou seja, nomes iguais, bem como apresenta uma grande

incidência de casamentos com primos de primeiro grau e segundo grau.

O senhor Paulo Cândido relata:

Meu avô Cândido quando era jovem negociava. Viajava para ir buscar as mercadorias em um lugar chamado Traíra, localizado às margens do Rio São Francisco. Lá comprava algumas coisas para revender nas regiões próximas a serra. Em uma dessas viagens um rapaz por nome de Antônio Torres que morava na região veio com ele para conhecer a serra, e na casa de Cândido havia muitas mulheres, sendo uma delas Mariinha, a mais “espevitada” que gostou do referido rapaz que era vistoso e alvo. Nas outras viagens algumas lembranças eram enviadas, até que Antônio pediu Mariinha em casamento. Esse casal foi responsável por uma numerosa família de pessoas alvas.<sup>33</sup>

Mas, nem todos se casavam com pessoas de fora, era comum casar-se com pessoas da própria comunidade, fato que teve a interferência da Igreja. Sobre esse assunto Paulo Cândido lembra que Monsenhor Macedo dizia na missa que procuras sem pessoas de outras famílias para se casarem, pois, não era possível primos com primos. Para ter um controle melhor o Monsenhor instituiu a “DISPENSA”, que era a liberação de quem estivesse pensando em casar. Ele mesmo recebia os casais na atual catedral e perguntava o grau parentesco. E assim, a partir dessa época só era

---

<sup>33</sup> Entrevista com o Sr. Paulo Cândido bisneto de Acácio, realizada em abril de 2016, em sua residência em Palmeira dos Índios.

realizado casamento se o Monsenhor liberasse, reduzindo o índice de pessoas com problemas físico e/ou mental provocado pela consanguinidade. Percebesse a interferência e autonomia da Igreja na vida de seus fiéis. Monsenhor Macedo deu um grande exemplo de como a Igreja pode atuar para o bem da sociedade.

Não sendo possível nesta obra apresentar na íntegra a árvore genealógica da Serra da Mandioca, fica assim tarefa para outros que se debruçarem nessa temática.

A história começa com um casal Acácio Simplício e Izabel.



José Gregório, Manuel, Antonio Acácio, Cândido, Felisdona, Clemência, Marinha, Maria Pastora, Joana, Antonio, Bilinha, Maria Lica, Fortunata, Francisca

José Gregório x Leopoldina = Antonio Gregório, Simeão e Sebastião

Antonio Gregório x Alcina Elias = Lindalva Elias (DU) Marinha x Antonio Torres = João, José, Narcisio, Vicente, Osminda, Otavio, Edmundo, Avelino Torres, Otacilia, Laurinda, Aurora

Paulo Cândido x Ivani Porangaba da Silva (antes do casamento era Torres) = Alcione, Edna e José Edson

Valter Otávio Torres x Maria Izabel = Lucia, José,  
Antonio, João, Luiz, Maria de Lourdes , Lourival

Gerson Julio Torres x Lindinalva Ferreira Torres =Cláudio,  
André, Genival, Arivaldo, Maria Auxiliadora, Luciano,  
Rinaldo, Luciana, Claudia, Silvana, Andreia

Clemência x Manoel Cirilo= Antonio Cirilo, José  
Cirilo e Manoel Cirilo

Antonio Cirilo x Laurinda=Manoel Cirilo

Manoel Cirilo x Senhorinha Cirilo da Silva= Aliete,  
Milton, Carmelita, Braz, Neli, Nair, Zacarias

Pedro Farias Cavalcante x Maria Celestino  
Cavalcante =José (Zeca), Luiz (LU), Manoel (Né), Irene,  
Zélia, Maria de Lourdes, Terezinha, Luiza, Elita, Margarida  
(Benta) e Ana.

Antonio José de Farias x Ermezinda de Farias (Iaiá)=  
Pedro Farias Cavalcante e outros filhos

Pedro Elias Celestino x Cecília Florêncio  
Celestino=Maria Celestino

Luiz Farias Cavalcante x Nair Maria da Silva  
Cavalcante = Lucia, Verônica (Vera), Maria do Socorro,  
Mônica, José, Dehon, Maria Quitéria, José Gilberto (Beto),  
Felipe, Ernandes,- Donizete e Lara Daniele.

Aliete Cirilo x Linésio=Sérgio, Sinésio, Silvano,  
Sandra Milton Cirilo x Salete = Adeilton, Salésia, Manoel

Francisca Maria da Conceição x José (Zequinha  
Antonio Torres que ficou viúvo e casou-se com Angélica)

Maria Angélica da Conceição (Dondom) x José

Francisca Maria da Conceição x José (Zequinha  
Antonio Torres que ficou viúvo e casou-se com Angélica)

Maria Angélica da Conceição (Dondom) x José Antonio Torres (Zequinha) = Heloi, Maria, Paulo,

Heloi José Torres x Terezinha Ferreira Torres= Ivanilza, Paulo, Maria, Francisco, Cosme, Damião, José, Olavo e Luiz (*in memorian*), Sônia, Geraldo, Manoel.

José Florêncio Torres x Antonia =Antonio Simão, Manoel Florêncio, Josefa, Elita, Marina, Natália e Terezinha

Luiz Paciência Torres x Josefa Maria= Manoel Paciência, Luiza Paciência, José Paciência, Maria Paciência,

Manoel Paciência x Maria Aparecida Duarte= Marcio, Marcelo e Mônica

Manoel Florêncio x Josefa Florêncio da Conceição= Maximiniano Florêncio

Manoel Paciência Torres x Maria Florêncio da Silva = Luiz Paciência Torres x Josefa Maria Torres = Manoel Paciência, Maria Paciência, José, Luiz, Luiza, José Luiz (Tio Zeca)

Paciência, Maria Paciência, José, Luiz, Luiza, José Luiz (Tio Zeca)

Manoel Otávio x Maria Paciência= José Paciência Sobrinho (Diácono), Antônio Otávio, Dimas Paciência Torres, Francisco, Sebastião, Terezinha Maria Torres, Quitéria Paciência (Religiosa) e Aparecida.

Antonio Paciência Torres x Maria Otelina Torres= João Paciência

Abílio José de Lima x Maria Pureza da Conceição =Maria José de Lima Torres

João Paciência Torres x Maria José de Lima Torres =Maria Inês, Sueli, Quitéria, Francisco e Pe.José Paciência Torres (Redentorista)

João Miguel x Irene = Luiz Cavalcante Farias, Maria, Terezinha, Carmelita, Hélio, Eleusa, Elza, José, Luisa, Jaime, Rosa Maria, Maira Inês, Paulo (in memoriam), Luiz Marcelo e Ana Lucia

Vicente Ferreira x Luiza Farias= Otávio, Manoel (esposo de Maria Paciência), José, Grinauria e Josinda

Otávio Honorato Torres x Guilhermina Ferreira Ferro =Valter, Valdemar e Humberto

Todas essas famílias e outras que não foram contempladas nesta pesquisa deram a sua contribuição para a formação da sociedade em pauta. Como não se tem nada escrito nem mesmo de ordem primária a memória dos entrevistados foi utilizada para a reconstrução da História que em determinados momentos aparece fragmentada.

O Senhor Heloi José Torres teve uma família numerosa com a Senhora Terezinha (in memoriam) pais de 15 filhos. Apesar da idade avançada lembra com riqueza de detalhes momentos da sua vida ainda jovem, quando ajudava seu pai (José Antônio Torres) a cuidar de seus avós geralmente à noite, visto que esses já não estavam lúcidos.

Durante determinado espaço de tempo foi servente para dois pedreiros, Luiz Celestino e Manoel Torres na construção de uma casinha na entrada da serra, visto que o mesmo estava noivo. Seu trabalho era fazer a massa, mas naquela época não trabalhavam com cimento sendo necessário usar o barro. Porém, sua atividade mais comum era a roça usando a enxada. Mas seus planos foram mudados, pois o mundo estava em guerra e o Brasil estava recrutando homens para servir a Pátria através do exército.

Havia um homem chamado Antonio, que tinha a função de inspetor. Segundo os relatos de Heloi, era por volta das 15 a 16 horas e o homem citado que usava um casaco longo de bolsos grandes, chamou-o por seu nome “Heloi, venha aqui”. Mesmo sujo de barro da labuta do dia, foi até o encontro, e na ocasião ouviu “olhe, você foi sorteado para o exército, e já é para amanhã se apresentar em Maceió”. Seu pai ao ouvir a conversa começou a chorar, mas ele disse: “Pai, é assim mesmo! Fui sorteado, tenho que ir”.

Assim, Heloi partiu para a guerra. Em Maceió recebeu um número de identificação 909. Quando o capitão dizia “nove, zero, nove” respondia “estou aqui, em continência, e só baixava a mão na hora certa”. Quanto ao espaço de tempo que serviu o exército ele responde: “foram dois anos, três meses e zero hora”. Ainda acrescentou que seu primo Sebastião Cirilo, o Luis Celestino e João Avelino Torres também participaram da Guerra, mas foram liberados primeiro.

Participou de vários destacamentos como: Maceió, Pontal de Coruripe, Coruripe e São Miguel, pois tudo dependia da escala.” Era um sofrimento”. Mas, Heloi fala com entusiasmo:

Um dia escutei uma zuada no mundo. Era zuada dos sinos das Igrejas, fogos, os carros apitando e os comandantes deixaram os soldados saírem do quartel. Era o fim da guerra, foi muita alegria. Voltei para minha casa e reencontrei minha família. 88 Construí um ranchinho, era um chalé e depois casei com Terezinha. Fui

homenageado nos desfiles de Palmeira e Maceió.<sup>34</sup>

Esses relatos mostram certo saudosismo e emoção apesar da angústia no período que estava participando da Segunda Guerra Mundial. Para o Sr. Heloi é uma grande honra ter servido a Pátria e segundo sua filha, Maria Ferreira, ele já pediu que quando falecer seja colocado a boina do exército em seu caixão.

Fotografias 37 e 38: Senhor Heloi com uniforme e boina participando do desfile em Maceió acompanhado por sua esposa Teresinha e com uniforme de gala respectivamente.



Fonte: MOREIRA, 2016.

Em seus relatos disse que tem muita fé em Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e fez muitas promessas para todas as situações, e sempre foi ouvido, até em casos inesperados, ou seja, quando um animal do seu cercado estava morrendo engasgado foi atendido.

---

<sup>34</sup> Entrevista com Heloi José Torres realizada em sua residência na Serra da Mandioca em março de 2016

Fotografia 39: Senhor Heloi e Maria Ferreira(filha) aguardando a procissão de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na serra da Mandioca.



Fonte: MOREIRA, 2016.

Deixou claro que essa devoção faz muitos anos. Seus pais o levava para casa de Antonio Miguel e Leopoldina para participar das novenas, ficavam de joelhos e lá havia muito amendoim, como ainda era criança aproveitava e guardava os amendoins no bolso para comer nos intervalos das orações. Segundo o entrevistado não havia Igreja, mas, a sala da casa era muito grande e depois das novenas acontecia o leilão, e esse acontecimento era o início da festa que até hoje é realizada no mês de fevereiro<sup>35</sup>.

Algumas famílias formaram a base social da comunidade da Serra da Mandioca sendo as mais conhecidas; Florêncio, Simplício, Cândido, Cirilo, Elias, Nunes, Torres, Farias, Cavalcante e Paciência. Mas, um fato

---

<sup>35</sup> Todas as informações foram obtidas através de entrevista gravada.

interessante pode ser destacado, quando se refere aos Paciências, que não é um sobrenome, e sim, segundo os relatos de Dona Maria Paciência foi em virtude de que seu avô nasceu no dia de São Manoel Paciência, e portanto, para homenagear o referido Santo, o nome da criança foi Manoel Paciência, sendo o primeiro de muitos da família.

Como “PACIÊNCIA” não é um sobrenome, não foi adotado para todos os membros da família, porém, o Diácono chama-se José Paciência Sobrinho, pelo fato de existir outros, inclusive seu tio com o mesmo nome, assim também outras pessoas chamadas de Manoel, José e Antônio com este sobrenome.

São Manoel da Paciência foi responsável pela numerosa família na Serra da Mandioca. Não é um santo comum, mas é encontrado como padroeiro de algumas localidades, dentre elas o Povoado Xucuru, no município de Belo Jardim –PE. Essa numerosa família, mesmo com o sobrenome de um santo devido à devoção dos seus antepassados, mantém a devoção, veneração e fé em Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Fotografia 40: Maria Paciência com a imagem de São Manoel Paciência



Fonte: MOREIRA, 2016.

A Senhora Zélia Celestino Cavalcante fala sobre a devoção à Nossa Senhora, e diz que sempre foi atendida e garante que alcançou muitas graças e lembra do dia da inauguração da Igreja, ocasião em que sua irmã Ana foi batizada por Padre Luís Farias. Ainda era jovem e sua mãe costumava pedir para que ela ficasse em casa com as crianças enquanto a mesma ia à igreja rezar, pois sempre lembrava que em virtude da idade não tinha tanto tempo.<sup>36</sup>

Ao falar sobre Monsenhor Macedo relata que fez a Primeira Eucaristia com ele, e em virtude de ser tão rigoroso tinha medo. “Para confessar às vezes ele pegava no queixo da gente e tinha que ficar de joelhos mesmo sendo o piso de

---

<sup>36</sup> Entrevista realizada com Zélia Celestino Cavalcante em sua residência em Palmeira dos Índios, 2016.

cimento grosso ou no barro.”<sup>37</sup> Para ir à Igreja não era permitido mulheres entrarem com roupas sem mangas e, para comungar, a manga da blusa ou vestido teria que ser maior, ou seja, cobrindo os cotovelos. Para os homens também tinha normas. Eles não podiam entrar de chapéu na Igreja, bem como o lado direito era para eles e o esquerdo era para as mulheres. Quando algum homem ou mulher desafiava a descumprir essas normas era comum ouvir Monsenhor Macedo dizer “são uns loucos” e ainda as mulheres deveriam usar véu cobrindo seus cabelos.

Mesmo com todas as exigências sente saudades daquele tempo e continuou acreditando e tendo muita fé em Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Relata algumas promessas que foram alcançadas.

Certa vez fiz uma para meu sobrinho que estava muito doente. Se ele ficasse bom deveria rezar três noites de novena com ele nos braços. Naquele tempo não tinha banco, era sentado no chão na esteira ou de pé. Ele ficou bom! Paguei a promessa, não sei como aguentei rezar de joelhos com ele nos braços. Quando terminava a reza, as pessoas me ajudavam a ficar de pé. Primeiro pegavam o menino e depois me levantavam. Fiz outra promessa para meu irmão e foi uma grande graça alcançada. Como ele morava em Maceió, tive que pagar na casa dele rezando o terço com a família. Como as meninas tinham aula pela manhã rezávamos

---

<sup>37</sup> *Idem*

logo cedo e assim alcancei a graça e paguei a promessa<sup>38</sup>

Assim como Zélia (Zelinha) são muitas pessoas que atribuem milagres, graças alcançadas como: a Senhora Iracilda Farias que também é devota afirma que durante a festa de 2016 alcançou uma graça. E relata que Nossa Senhora livrou-a juntamente com seu neto de uma tragédia, ou seja, ser pisoteada pelo gado que vinha próximo e ela não percebeu. É apenas mais um relato dentre muitos.

Percebe-se que realmente o povo da Serra da Mandioca tem fé em Nossa Senhora e, essa fé faz com que eles vivam de forma diferente. Acreditam, têm força de vontade e dificilmente desistem diante das turbulências da vida. A Senhora Zélia é um dos exemplos:

Fotografia 41: Zélia Celestino Cavalcante.



Fonte: MOREIRA, 2016.

---

<sup>38</sup> Entrevista com Zélia Cavalcante Farias em sua residência em Palmeira dos Índios, em 2016.

Em sua casa há várias imagens na sala, mas, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro tem lugar de destaque em seu quarto e encerra dizendo: “Com Nossa Senhora eu estou segura. Quando vou dormir em outra casa que não vejo a imagem ou um quadro Dela na parede, sinto falta do meu canto.”

Um fato que merece ser destacado é a presença de muitas pessoas da Serra da Mandioca trabalharem no Hospital Santa Rita e Maternidade Santa Olímpia distribuídos em várias funções, principalmente em técnico de enfermagem, fato que ainda perdura até os dias atuais em outras instituições de saúde.

Atualmente os mais jovens que tiveram oportunidade de cursar o nível superior optaram por enfermagem. Segundo o relato de Zélia que trabalhou de 08 de julho de 1966 a 11 de novembro de 1997 no Hospital como chefe da cozinha, que com muito orgulho diz “ali fazia tudo e nunca me cansei”, quando se refere às inúmeras atribuições que recebia.

Mas, quando recebeu o convite de José Avelino que também chamou várias pessoas da serra, ela não sabia nem abrir a geladeira, pois, até aquela ocasião só trabalhava em casa e na roça com seu pai. Por essa conquista diz: “Agradeço principalmente a Deus a saúde, meu bem estar e à família do Senhor João Neto, pois até hoje o que preciso sou atendida por eles. E ainda diz “tem uma placa no refeitório com o meu nome”<sup>39</sup>. A primeira pessoa daquela

---

<sup>39</sup> Entrevista com Zélia Celestino Cavalcante

região a trabalhar no hospital foi Benedita Marcos da Serra de São José.

Como a maioria não era alfabetizada, quase todos foram estudar na Escola Noturna do Colégio Cristo Redentor, mas a entrevistada não foi em virtude de ter optado em substituir suas irmãs no trabalho dando essa oportunidade para elas. O Hospital dispunha de um alojamento e refeitório para essas pessoas que moravam fora, a exemplo os da serra da Mandioca, fato que facilitava a estadia e a continuidade do trabalho. Os mesmos só retornavam à Serra nos dias de folga. Eram tantos que só de uma família de Irene irmã de Zélia dos 15 filhos só dois não trabalharam no Hospital. Ainda hoje se percebe a presença marcante de vários descendentes da Serra da Mandioca naquela Instituição.

## EDUCAÇÃO: UMA PRIORIDADE PARA A SERRA DA MANDIOCA

Desde muito tempo a comunidade da Serra da Mandioca se preocupa com a educação de seus filhos. A primeira professora do Estado foi Maria José de Souza, conhecida como Dona Zezé. Como morava em Capela –AL, só ia para casa nas férias. Não existia o prédio da escola, as aulas aconteciam na residência de Mariinha. E os primeiros professores particulares foram: Otávio, Maria José, Luiz Elias e Rosa. Outras professoras também contribuíram, das quais pode ser citadas: Noêmia Marques, atualmente religiosa (Irmã Gilberta) da Congregação da Filhas do Amor Divino, residindo no Centro Educacional Cristo Redentor em Palmeira dos Índios.

Alguns professores da própria comunidade também contribuíram para o processo educacional dentre eles, Nadir Maria Torres que após sua morte foi substituída por Maria de Lourdes, bisneta de Mariinha. Outras professoras que também deram grande contribuição foram Maria Paciência, Carmelita Cirilo, Aliete Cirilo e Ana Maria que além de professora era parteira.

Fotografia 42: Escola Estadual da Serra da Mandioca



Fonte: MOREIRA, 2016.

Maria Paciência ensinou durante 32 anos, sendo 29 anos na Serra da Mandioca. A sala de aula era em sua casa, mas, com a construção da escola, chamada na época de grupo escolar as duas professoras Maria Paciência e sua comadre Nadir passaram a ensinar no referido local. Seus honorários eram pagos pela Prefeitura Municipal cujos gestores foram: Prefeito Canuto Mota, Juca Sampaio e José Araújo, incluindo José Pinto de Barros na época de Nadir. Sobre esses anos dedicados à educação a entrevistada diz: “Sinto muita alegria quando encontro meus ex-alunos adultos e bem

encaminhados na vida.”<sup>40</sup> Outra professora que muito se dedicou foi a Senhora Ana que também merece ser destacada. No processo de estadualização a primeira diretora foi Verônica Cavalcante (Verinha) filha de (LU).

Fotografias 43 e 44: Professoras Maria Paciência e Ana



Fonte: Moreira, 2016.

---

<sup>40</sup> Entrevista com Maria Paciência realizada em sua residência em Palmeira dos Índios, 2016. Não foram enviadas fotos das professoras Nadir e Zezé.

## Fotografias 45 e 46: Noêmia (Irmã Gilberta) e Aliete Cirilo



Fonte: MOREIRA,2016.

No contexto histórico não foram citadas outras professoras, em virtude de que à medida que ia aumentando o número de habitantes da serra, conseqüentemente o número de alunos e professores, sendo quase impossível citar nesta obra todos até atualidade. A certeza é de que todas elas merecem destaque pelo trabalho que realizaram ao longo dos anos.

### A PARTICIPAÇÃO NA POLÍTICA PARTIDÁRIA

A política partidária esteve presente na comunidade da Serra da Mandioca, desde Major Azarias até os dias atuais. Todos os representantes do povo eleitos ou não se destacam também pela religiosidade, e sempre em suas campanhas dizem que estão na política com o propósito de ajudar principalmente o seu povo e que com eles e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro muito farão. Além de Major

Azarias, podem ser evidenciados outros que foram eleitos durante essas décadas.

José Avelino Torres foi suplente de vereador e assumiu na 4ª Legislatura, em 01 de fevereiro de 1959 a 31 de janeiro de 1963, foi Vereador na 5ª Legislatura em 01 de fevereiro de 1963 a 31 de janeiro de 1967, exercendo o cargo de 1º e 2º Secretário nos dois biênicos respectivamente. Foi Vereador na 6ª Legislatura de 01 de fevereiro de 1967 a 31 de janeiro de 1971, assumindo o cargo de 2º Secretário da Mesa Diretora do 2º biênio. Foi Vereador na 7ª Legislatura em 01 de fevereiro de 1971 a 31 de janeiro de 1973, assumindo a cargo de 1º Secretário.

Narcísio Farias Torres foi suplente e assumiu o cargo de Vereador na 9ª Legislatura em 01 de fevereiro de 1977 a 31 de janeiro de 1983.

Jaime Cavalcante Farias foi suplente e assumiu como Vereador da 15ª Legislatura em 01 de janeiro de 2005 a 31 de dezembro de 2008. Foi Vereador na 16ª Legislatura em 01 de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2012, assumindo o cargo de Secretário da Mesa Diretora.

Salomão Cavalcante Torres foi Vereador na 14ª Legislatura em 01 de janeiro de 2001 a 31 de dezembro de 2004, assumindo o cargo de 2º Secretário da Mesa Diretora no 2º biênio. Foi Vereador na 15ª Legislatura em 01 de janeiro de 2005 a 31 de dezembro de 2008, assumindo o cargo de 1º Secretário. É atual Presidente da Câmara Municipal na 17ª Legislatura em 01 de janeiro de 2013 a 31 de dezembro de 2016<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> As informações acerca dos Vereadores foram cedidas pelo Presidente da Câmara de Vereadores de Palmeira dos Índios, Salomão Torres.

## CAPÍTULO III

### FESTA DA PADROEIRA: ESPAÇO DE DEVOÇÕES, MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS E CULTURAIS

---

A partir do mês de novembro os moradores iniciam uma caminhada às regiões vizinhas para rezarem o terço todos os dias, até as vésperas da festa de Nossa Senhora contabilizando em torno de 400 casas até o mês de fevereiro. Nos nove dias que antecedem a festa, o terço é rezado mais cedo em virtude da novena que acontece na igreja, tendo cada dia um grupo chamado de (noiteiro) responsável em coordenar a novena.

No último final de semana que antecede a festa acontece o tríduo com a participação dos responsáveis, diácono, padres e grupos de orações que são distribuídos para a liturgia e cânticos. Na sexta feira, a Igreja fica repleta para a celebração da missa e no sábado geralmente é o Bispo Diocesano principalmente quando tem Crisma e a Primeira Eucaristia dos jovens que são preparados por catequistas daquela localidade.

Atualmente estão responsáveis a Sra. Aliete (74), que há 60 anos é catequista, bem como, sua neta a jovem Suellen Thamires Torres Cavalcante de 13 anos que há um ano já começou a ensinar o catecismo e Janyllle Isabel Araújo Porangaba (ambas alunas do Centro Educacional Cristo

Redentor, primeira escola Católica de Palmeira dos Índios, pertencente às Filhas do Amor Divino).

Fotografias 47 e 48: Crianças no catecismo, as catequistas Jamylle e Suellen e o casal Aliete Cirilo e Linésio



Fonte: MOREIRA, 2015.

O sábado é um dia movimentado, pois alguns moradores saem com a banda de pífano e uma imagem de Nossa Senhora pelo povoado, recebendo prendas diversas: galinhas, frangos, ovos, frutas da época, bolo dentre outras. A Santa geralmente é conduzida por Irmã Terezinha, uma religiosa da comunidade, que durante a época do tríduo vai à serra da Mandioca para a casa de seus pais. É com muito prazer que sai com uma sombrinha ou guarda-chuva armado, levando a imagem ou o quadro de nossa Senhora enfeitado com algumas flores. Irmã Terezinha relata:

Todas as vezes eu me emociono. Vou no sábado e espero os zabumbeiros chegarem. Na casa dos meus pais é comum meus irmãos, irmãs cunhadas e cunhados esperarem. Nossa Senhora é levada por toda a casa até os fundos para que Ela também proteja os cercados, o gado e a colheita. É

tanta emoção que eu não consigo traduzir em palavras. Uma imagem tão simples e com tantos significados<sup>42</sup>.

Fotografias 49 e 50: Caminhada para arrecadar donativos para o leilão com a banda de pífano



Fonte: SILVA, 2016.

É comum em cada casa que chega a comitiva os proprietários estarem esperando na porta para recepcioná-los, visto que o som dos zabumbeiros indica que Nossa Senhora está se aproximando, assim, recebem a Santa, beijam a imagem passam para os demais membros da casa e fazem sua doação.

---

<sup>42</sup> Entrevista realizada com Irmã Terezinha no convento localizado ao lado da Catedral diocesana em julho de 2016.

## Fotografias 51: Devota apresentando Nossa Senhora e o leilão



Fonte: Silva, 2016.

É uma grande emoção receber Nossa Senhora, não importa se ela vem em uma caixa, ou em um andor simples ou mesmo apenas a imagem. Segundo os tocadores a maioria das pessoas solicita que a banda toque dentro da casa, mas o tempo é curto para fazer isso em todas as casas, deixando restrito onde há pessoas mais velhas que já não podem acompanhar a banda.

Após o término da arrecadação para o leilão todos que estão acompanhando Nossa Senhora, inclusive a banda de pífano adentra a Igreja seguindo um ritual. Primeiro Irmã Terezinha leva a Santa até o altar que é recebida por algum dos fiéis (Aleite, Du Eliane dentre outras), logo depois os zabumbeiros fazem seu ritual, inclinam a cabeça um a um

em respeito sem parar de tocar, depois dois a dois e por último fazem um círculo evitando ficar de costas para o altar e preparam a saída. Nesse momento o fogueteiro já está a postos para anunciar que terminou uma parte da cerimônia e que as pessoas se preparem para a missa.

Fotografia 52: Encerramento da arrecadação das prendas para o lei



Fonte: Silva, 2015.

Os zabumbeiros fazem parte da tradição daquela localidade. Desde a primeira igreja na serra de São José estavam presentes tocando, animando a festa e realizando seus rituais. Antônio Vicente da Silva (66) diz que começou a tocar aos 18 anos, mas essa tradição vem de seus avós e foi passando para os netos.

Para ele a festa do santo é uma tradição, seus tios também tocavam, mas foram embora e ele assumiu o grupo

até os dias atuais. Quanto à entrada na Igreja, diz que é uma cerimônia que tem que ser feita e afirma:

É tradição, naquele momento é chamada de beijada, é uma veneração à Nossa Senhora. Ninguém ensaia, mas cada um sabe como fazer. Todas as vezes temos que fazer isso, mesmo ao retornamos da arrecadação das prendas do leilão quando a Igreja está quase vazia, não é problema fazermos. Tocamos em vários lugares e sempre é assim, mas a mais animada da região é a de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro aqui na serra da Mandioca.

É esse rito que os identifica, estabelece um vínculo entre a sociedade e suas manifestações religiosas, seja ela qual for, naquela localidade não é ignorada ou questionada.

Ao término da missa o leiloeiro começa a gritar em uma palhoça devidamente ornamentada para ele, com uma mesa cheia de doações. E a partir daí os interessados começam a disputar as prendas. Não importa o valor que pagam e, sim o momento que estão vivendo junto aos parentes, amigos e a satisfação de poder dizer que também contribuíram para a festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

### Fotografias 53 e 54:



Fonte: Moreira, 2016.

Um espaço em frente à Igreja é destinado ao leilão, ornamentado com palhas de bananeira e outras plantas daquela localidade. Não tem idade determinada para participar. As crianças também ficam próximas aos seus familiares, as pessoas reservam algumas economias para arrematar as prendas.

Os fazendeiros e os criadores de gado ficam responsáveis pela doação do gado<sup>43</sup> E após a missa eles participam arrematando. Ouve-se também em alguns momentos o leiloeiro gritar no microfone do carro de som que “fiado não vende”. Toda arrecadação é em benefício da Igreja e para algumas despesas da festa.

---

<sup>43</sup> Informações concedidas através de entrevistas realizadas com a Sr<sup>a</sup> Aliete Cirilo Torres, Sr<sup>a</sup> Lindinalva Elias (Du) e cartas de Padre José Torres, na Serra da mandioca em 09 de maio 2015.

Fotografia 55:



Fonte: MOREIRA, 2016.

A maioria contribui, ou seja, quem tem mais dar mais, quem tem menos dar menos, mas, isso não conta, o que importa para aquela sociedade é poder contribuir, com ajuda financeira, com trabalho, nas devoções ao santo, na manutenção da Igreja, na catequese ou na organização da festa. Não há uma taxa específica para cada um, o interessante é que a festa nunca deixou de acontecer e cada ano aumenta o número de participantes do terço.

Outro fato é que enquanto muitos estão rezando, outros estão se divertindo nas barracas montadas no pátio da igreja saboreando um churrasquinho, tomando bebidas alcoólicas, curtindo o som das barracas ou dos carros, aguardando o show da banda que geralmente é contratada pela comunidade ou alguma liderança política. As crianças se divertem na cama elástica, nas pescarias e os jovens no tiro ao alvo. Nesse momento também é encontro de políticos

da região e ou candidatos que aproveitam o ensejo para cumprimentarem seus eleitores, visitarem os amigos e dessa forma registram sua presença.

Fotografias 56 e 57:



Fonte: Moreira, 2016.

O pátio da Igreja fica em clima de festa, sente-se o cheiro de pipoca feita no carrinho nada parecido com a de microondas, o homem do algodão doce passa com algodões coloridos e dá direito a um brinde que, geralmente é uma bola de sopro ou uma bala, e isso faz a alegria das crianças. Antes de começar o show, as pessoas são convidadas para jantar em casa de parentes e amigos. É também o encontro de afilhados com padrinhos e madrinhas.

## A PROCISSÃO DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO NA SERRA DA MANDIOCA

A banda de pífano ou orquestra de pífano e zabumba, conhecida como esquentadora (esquentadora mulé) no Estado de Alagoas, marca a presença desde a primeira noite da festa até o encerramento. Após os quatro meses de rezas e um final de semana movimentado, chega o domingo, dia de procissão, missa e cavalhada.

O carro de som fica a postos, o locutor começa a chamar as pessoas. Alguém da comunidade assume o microfone (atualmente Eliane Torres) e começa a rezar, ao mesmo tempo continua convidando e direcionando a procissão.

A queima de fogos avisa que a imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro vai aparecer no andor na porta da igreja carregada por devotos e ornamentada com flores naturais. A banda de pífano faz parte do espetáculo e toca até descer os degraus da igreja. Sobre o rito Guerriero ressalta:

O rito é um elemento essencial da vida religiosa. São tipos especiais de eventos, mais formalizados e estereotipados. Ritual é sempre comunicação. [...]o ritual tem o poder de instaurar uma condição social, reforçando os vínculos entre os indivíduos e estabelecendo papéis sociais de cada um<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> GUERRIERO, S. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Org.). Ied. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013, v. 1, p. 243-256)

## Fotografias 58 e 59: Banda de Pífano



Fonte: MOREIRA, 2016.

Quando os fiéis descem os degraus com o andor de Nossa Senhora eles acompanham por mais de um quilômetro tocando ininterruptamente e ao término mais uma vez entram na Igreja até o altar nos minutos que antecedem a missa. Os foguetes são comuns, em todos os momentos importantes das celebrações. Os estampidos são escutados pelas pessoas que estão longe da igreja ou que estão dentro de suas casas.

Há uma organização prévia para o momento de soltar os fogos. Uma pessoa responsável em realizar esse trabalho fica sempre posicionada no mesmo lugar onde todos que estiverem nos degraus da Igreja ou no pátio tenham visibilidade, visto que é quase em frente à igreja, ao lado da casa de Dona Salete e Sr. Milton Cirilo (in memoriam). Dessa forma o fogueteiro, como é popularmente chamado, solta rojões antes e depois de cada momento importante das celebrações.

## Fotografias 60 e 61: Ritual da banda de pífano dentro da Igreja



Fonte: MOREIRA, 2016.

Para o Diácono José Paciência, a procissão é um momento de oração. Lembra a história da promessa de Perpétua e a angústia de tantas pessoas que morriam de cólera em pouco espaço de tempo. Além da tristeza da perda, as famílias presenciavam seus entes queridos serem enterrados em valas. Pois nem sempre eram enterrados no cemitério e graças a fé de Perpétua e a devoção do povo, não houve registros de mortes da referida doença após a promessa. Devido a esse fato ainda hoje quase todos os moradores têm uma imagem ou um quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, mesmo que sejam devotos de outros santos.

O Diácono solicitou ao povo que colocassem quadros ou imagens dos seus santos protetores na frente de suas casas por ocasião da procissão, tendo a certeza de que as pessoas querem que chegue às suas casas a bênção através do Diácono que diz: “Chego cansado, mas é muito bom, passarmos em todas as casas grandes ou pequenas levando a

mensagem de Nossa Senhora. Para mim não importa se é pobre ou rico.”

Fotografias 62 e 63: Imagens expostas na frente das casas por ocasião da procissão



Fonte: MOREIRA, 2016.

Acredita que Nossa Senhora é presença viva naquelas casas. Em sua fala aponta a fragmentação da família como um dos grandes problemas que causa o desinteresse pelas coisas da Igreja; e diz: “a família é muito importante!” Continua e enaltece sua família apontando como a base da sua formação e a intensificação de sua fé, lembrando que a Serra da Mandioca é responsável por muitos padres e religiosas. É verdade que alguns desistiram, outros já faleceram, mas é um fato marcante e, é preciso mais atenção para as vocações. Diante da solicitação do Diácono, as pessoas o atenderam e suas casas são abençoadas sendo aspergida água benta durante o percurso da procissão.

Fotografia 64: Procissão de Nossa Senhora com a presença das crianças



Fonte: FLORÊNCIO, sd.

A procissão é organizada com as crianças vestidas de anjos, o Diácono José Paciência paramentado na frente do andor, geralmente ladeado por irmã Terezinha pertencente à Congregação Franciscanas de Santo Antônio. Ainda fazem parte da comissão de frente, os jovens que fizeram Primeira Eucaristia e Crisma são enfileirados e uniformizados para que possam ser identificados, as mulheres associadas de Maria e do Coração de Jesus e demais fieis acompanhando. Antes do andor uma pessoa carrega um quadro com a imagem de Nossa Senhora, mas, sobre esse assunto relatam apenas que Perpétua foi responsável pela promessa e trouxe um quadro do Juazeiro e não uma imagem.

## Fotografias 65 e 66: Procissão de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro 2014 e 2016



Fonte; MOREIRA,2014//2016.

Ao chegarem à Igreja, mesmo cansados após mais de uma hora de caminhada a emoção é grande. O Padre Wendel (2016) abençoou o povo com o quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que Perpétua trouxe do Juazeiro, assim como é comum em Roma.

## Fotografias 67 e 68: Encenação da Promessa de Perpétua a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



Fonte: MOREIRA,2016.

Para que a história da promessa de Perpétua fique sempre na memória foi encenada na noite do sábado a história, sendo representada por jovens da localidade e ensaiada por Suellen, a jovem catequista.

Fotografias 69 e 70: Celebração Eucarística - Diácono José Paciência e Padre Wendel e as coroinhas



Fonte: MOREIRA, 2016.

Naquele momento é tanta emoção que talvez não lembrem ou alguns podem não saber que estão retratando o episódio que aconteceu na Europa em séculos passados, ou seja, a primeira imagem da Santa que também foi pintada na Ilha de Creta, furtada e levada para Roma por um comerciante para vendê-la.

Para chegar aos cuidados dos Redentoristas (Ordem Religiosa de Padre José Torres Filho), após alguns anos o quadro foi levado em procissão por várias ruas até a Igreja de São Mateus que pertence aos Padres Agostinianos, em 1499, localizado na Vila Merulana, que fica do centro de Roma. A igreja passou a receber muitos fieis de vários lugares da Itália, fato que perdurou por três séculos

deixando-a na condição de uma das igrejas mais visitadas de Roma.

É claro que em meio a tudo isso acrescenta-se os milagres recebidos pelos que necessitavam das bênçãos da Virgem, visto que, não era só daquela localidade. Porém, na Europa o grupo de Napoleão Bonaparte, que não queria a proliferação do credo católico, invadiu Roma com sua tropa e destruiu 30 igrejas inclusive a de São Mateus onde estava Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Naquele momento parecia que tudo estava perdido, porém, mais uma vez a Virgem se encarregou de mudar os rumos da história e o quadro foi salvo por um sacerdote que levou-a para a capela do convento dos Agostinianos de Santa Maria in Posterula. Foi uma grande bênção e confirmação do poder de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Mas, ainda se presencia cenas que retratam essa memória mesmo sem saber do que se trata. E assim a procissão de Nossa Senhora na serra da Mandioca continua com o andor sendo disputado pelos homens que tiram o chapéu ou boné quando estão entrando na igreja, em sinal de respeito à Nossa Senhora. As outras pessoas seguem rezando acompanhando o carro de som. Também, pode ser observado muitos fiéis descalços em penitência pagando suas promessas.

Segundo os ESTUDOS DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB):

É toda a Igreja que assume sua vocação de ser discípula missionária (cf.DAp, n.181), incluindo as massas populares como “seu tesouro da religiosidade popular” com seu

carinho aos santos, com promessas e peregrinações que representam o Povo de Deus a caminho<sup>45</sup>

O povo de Deus da serra da Mandioca, assume o papel de missionários, peregrinos, e pagadores de promessas. Destaca-se as expressões populares que ainda constituem um exemplo de fé e devoção ao santo padroeiro, esse que faz parte da vida das pessoas. Diante dessa prática Aragão enfatiza:

[...]a experiência de submissão a um Deus absolutamente transcendente, criador e recriador da vida cujo poder se manifesta nas “leis eternas” da natureza e da sociedade - que é vista como que naturalizada e se encontra igualmente sob a proteção e controle dos “santos”<sup>46</sup>

É essa fé aos santos que ao longo dos anos tornou-se um exemplo de devoção e respeito à Nossa Senhora, pois acreditam que se pedirem com fé ela atende aos pedidos de socorro e de misericórdia. Meslin (2014, p.315) diz que: “A religião popular é primeiro memória coletiva, inserção na consciência do grupo, fé vivida e nele manifestada,” e, está presente na sociedade brasileira, a fé e a devoção servem como colunas de sustentação para dar continuidade à vida, principalmente dos que necessitam de uma maior ajuda, pois acredita em Deus e Nossa Senhora que são seus protetores, bem como no santo padroeiro. Para Aragão:

---

<sup>45</sup> ARAGÃO, Departamento de Teologia, Ano 1, nº1, janeiro/2002, p.42

<sup>46</sup> Estudos da CNBB -52ª ASSEMBLEIA GERAL,2014, p.51)

O catolicismo, caracterizado pela paróquia com missa dominical cheia de gente, pelas associações pias e festas do mês de maio e do santo padroeiro, pelas procissões e pelo vigário de batina, enfatizando a piedade e a oralidade, é um catolicismo implantado no Brasil a partir da segunda metade do século passado<sup>47</sup>

Um exemplo desse catolicismo está na comunidade em estudo, cuja devoção à Nossa Senhora do Perpétuo há quase um século conserva suas tradições religiosas. Esse é um exemplo de devoção e cultura, pois é nítido em pleno século XXI, jovens, adolescentes e crianças acompanharem seus pais à Igreja e desde já participarem de todos os ritos. Quando ainda crianças participam da procissão com trajes de anjos, os adolescentes são coroinhas ajudando o padre, fazendo parte do coral ou mesmo acompanhando suas avós na catequese.

## A CAVALHADA NA FESTA DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO

Cada sociedade adquire seu modo próprio de representação cultural, e a cavalcada é uma delas que retrata a luta dos Cristãos contra os Mouros que ocuparam a Península Ibérica na Europa, onde estão localizados Portugal e Espanha. É uma manifestação ligada à luta do Cristianismo contra o Islamismo e conseqüentemente essas representações marcam a vitória do Cristianismo. Essas lutas aconteciam

---

<sup>47</sup> ARAGÃO, Departamento de Teologia, Ano 1, nº1, janeiro/2002.p.44

devido às heresias na Europa, e eram incentivadas pela Igreja Católica em virtude do medo de perder sua hegemonia. No Brasil, segundo Cascudo (1979) surgiram desde o século XVII, sendo uma das mais conhecidas a Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis-GO. A cavalcada faz parte de uma das partes da festa, principalmente em pontos longínquos do Brasil, geralmente na zona rural de vários Estados brasileiros por ocasião da festa do padroeiro.

A cavalcada da serra da Mandioca teve início após a construção da Igreja, possivelmente na década de 50 do século XX, e como não havia nenhum cavaleiro naquela localidade, precisaram da ajuda do Senhor Tancredo de Araújo Medeiros, natural de Quebrangulo, cuja data de nascimento é de 07 de setembro de 1904, três anos antes da promessa de Perpétua. Tancredo é avô do conhecido Dr. Wellington Bento e, não só ele, mas os filhos e netos guardam na memória com muito orgulho essa arte de seu pai e avô. Wellington nas poucas horas vagas ainda se encontra com Manoel Paciência, mantendo os laços de amizade desde a época de Tancredo, que vinha de Quebrangulo para organizar a cavalcada da serra da Mandioca juntamente com Manoel Paciência e outros cavaleiros da região. Eles não mediam esforços em participar das festas dos santos padroeiros em Quebrangulo, Anum, Bonifácio e outras regiões vizinhas.

### Fotografia 73: Tancredo de Araújo Medeiros



Fonte: BENTO, s/d.

Manoel Paciência diz que hoje é apenas um apreciador, pois passou a arte para os netos e sobrinhos, mas lembra com certo saudosismo daquela época que corria com Tancredo, e diz:

Antigamente era mais organizado, os cavaleiros se preocupavam com as roupas todas brancas, com a faixa azul ou vermelha, bem como, os cavalos eram devidamente enfeitados com as respectivas cores de seus Cavaleiros. Mas ainda é animado, sempre foi passando de pai para filhos e netos, é muito bonito. Antes de começar vamos à igreja pedir bênçãos à Nossa Senhora.

Quando termina fazemos a mesma coisa, só que já vamos com as rainhas ou princesas. A vencedora é quem arrecadar mais dinheiro durante a cavalhada para ajudar em obras para a Igreja. E dos cavaleiros o vencedor é quem conseguir colocar mais vezes a lança na argola. Caso o vermelho tenha mais ponto e a rainha do azul ganhar na arrecadação, é feito um acordo com as duas, pois isso não há problemas uma outra é princesa. Tudo isso é feito na Igreja para Nossa Senhora<sup>48</sup>

Fotografia 75: Manoel Paciência e família



Fonte: MOREIRA, 2016.

Mesmo com as mudanças ao longo do tempo, a tradição permanece com os cavaleiros vestidos de branco. Para identificá-los é colocada uma faixa larga vermelha (encarnada) ou azul transpassando o tórax. Na Europa as cores serviam para representar os mouros de vermelho e os

---

<sup>48</sup> Entrevista realizada com Manoel Paciência a Serra da Mandioca em janeiro de 2016.

cristãos de azul. Os cavalos também são ornamentados com as mesmas cores de seus cavaleiros. A disputa começa no domingo às 15 horas com a apresentação das candidatas à rainha. Todos se aglomeram ladeando a cor de sua preferência. Enquanto os cavaleiros tentam acertar a argola, as rainhas vendem bilhetes de rifas ou pedem ajuda financeira<sup>49</sup>.

Fotografias 75 e 76: Cavalhada no pátio da festa da padroeira da serra da Mandioca.



Fonte: CIRILO, sd.

Ao final da cavalhada é realizado um cortejo até a Igreja para reverenciar Nossa Senhora e fazer a entrega dos troféus aos cavaleiros, bem como colocar as faixas na rainha e/ou princesa. Naquele momento pedem a Nossa Senhora par ajudá-los e que no ano seguinte estejam com saúde e participando da festa saudando e louvando a Mãe do Senhor.

---

<sup>49</sup> Entrevista realizada com Eliane Cavalcante na serra da Mandioca em maio de 2015.

Fotografia 78: Cavalheiros pedindo proteção a Nossa Senhora na Igreja



Fonte: CIRILO, sd.

Fotografia 79 e 80: Entrega dos troféus



Fonte: CIRILO, 2016.

Fotografia 80:Comemoração de Encerramento da Cavalhada na residência de Aliete e Linésio



Fonte: CIRILO, sd

Vê-se que o sagrado e o profano sempre aparecem, não sendo possível utilizar tábua de valores. O mais importante é não estabelecer o que é um e outro, mas saber que a fé e a devoção à Nossa Senhora cada vez mais é intensificada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religiosidade popular na vida das pessoas especificamente os da comunidade da serra da mandioca, é uma grande representatividade para o catolicismo, mesmo que para alguns estudiosos da área considere um termo “popular” pejorativo, mas é essa religiosidade popular que é considerada fervorosa, pois a fé está acima de tudo. As tradições fazem parte dos festejos com seus ritos. A presença do sagrado faz com que adotem posturas diferenciadas, os

devotos, os zabumbeiros, os pagadores de promessas e os cavaleiros mantêm suas devoções, e em clima de alegria, apresentam todos os anos suas manifestações. A comunidade em pauta pode ser considerada um patrimônio cultural e religioso, pois em seu contexto reúne aspectos que mantêm viva sua história alicerçada na fé e na devoção à Nossa Senhora do Perpétuo, a novena, procissão, promessas, leilão, cavalhada, banda de pífano e a festa. Essa fé e as devoções religiosas fazem parte da busca do sagrado, podendo ser responsáveis pela hegemonia do catolicismo naquela localidade, já que não há indícios de templos de outros credos nos tempos atuais,

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Gilbraz. Revista Teológica e Ciências da Religião Ano 1.Nº 1.Janeiro de 2002.

BARBOSA, Virginia. Cavalhada. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife: Disponível em: [http //Basílio.fundaj.gov.br/pesquisa escolar/](http://Basílio.fundaj.gov.br/pesquisa_escolar/) em 05 de agosto de 2015.

CABRAL, Newton. Onde está o povo aí está a Igreja? Histórias e memórias do Seminário Regional do Nordeste II, do Instituto de Teologia do Recife e do Departamento de Pesquisa e Assessoria. Recife: FASA,2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1972.

ESTUDOS DACNBB. Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade (107). 52ª Assembleia Geral.

Aparecida:Paulus,2014.

MESLIN, Michel. Fundamentos da Antropologia Religiosa: a experiência humana do divino. Tradução de Orlando dos Reis. Petrópolis.Vozes,2014.

GUERRIERO, Silas. Antropologia da religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Org.). Compêndio de ciência da religião. 1ed.São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013, v. 1, p. 243-256.

HORNAERT, Eduardo (et al.]. História da Igreja no Brasil -Primeira Época -Período Colonial.5 ed. Petrópolis (RJ):Vozes,2008.

TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (org). Catolicismo Plural: Dinâmicas Contemporâneas. Petropolis:Vozes,2009.

ENTREVISTADOS:

AMADOR, Odilon. Entrevista realizada em sua residência em. Palmeira dos Índios, 2015.

CÂNDIDO, Paulo. Entrevista realizada em sua residência em Palmeira dos Índios, julho de 2016.

CAVALCANTE, Eliane Torres. Entrevista realizada no Povoado Serra da Mandioca em Palmeira dos Índios-AL, 2015.

CAVALCANTE, Zélia Calestino. Entrevista realizada em Palmira dos índios em junho de 2016.

CAVALCANTE, Luis Farias. Entrevista realizada em Palmeira dos Índios em 2015.

CIRILO, Aliete. Entrevista realizada na serra da Mandioca em 2015.

ELIAS, Lindalva. Entrevista realizada no Povoado Serra da Mandioca em Palmeira dos Índios-AL, 2015.

FARIAS, Terezinha Florêncio de. Entrevista realizada no Convento localizado ao lado da Catedral Diocesana em julho de 2016.

FARIAS, Irene e MIGUEL, João. Entrevista realizada em sua residência em Palmeira dos Índios em 2015.

FLORÊNCIO NETO, Manoel. Entrevista realizada em sua residência em Palmeira dos Índios em junho de 2016.

MARQUES, Padre Leandro. Entrevista realizada em online em 2016.

PACIÊNCIA, Maria. Entrevista realizada em sua residência em Palmeira dos Índios em julho 2016.

PACIÊNCIA, Manoel. Entrevista realizada na serra da Mandioca em maio de 2016.

PACIÊNCIA SOBRINHO, José. Entrevista realizada na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Serra da Mandioca em fevereiro de 2016.

SILVA, Antônio Vicente da. Entrevista realizada na serra da Mandioca em fevereiro de 2016.

TORRES, Aliete Cirilo. Entrevista realizada no Povoado Serra da Mandioca em Palmeira do Índios-AI, 2015.

TORRES, José. Entrevistas on-line realizadas em 2015 e 2016.

TORRES, Elói José. Entrevista realizada em sua residência em Serra da Mandioca, 2015.

## QUER SABER MAIS SOBRE A EDITORA OLYVER?

Em [www.editoraolyver.org](http://www.editoraolyver.org) você tem acesso a novidades e conteúdo exclusivo. Visite o site e faça seu cadastro!

A Olyver também está presente em:



[facebook.com/editoraolyver](https://facebook.com/editoraolyver)



[@editoraolyver](https://twitter.com/editoraolyver)



[Instagram.com/editoraolyver](https://instagram.com/editoraolyver)



[www.editoraolyver.org](http://www.editoraolyver.org)

[editoraolyver@gmail.com](mailto:editoraolyver@gmail.com)